

**Paula Cristiane de Souza Silva**



**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA ARTE DO BRASIL COLÔNIA E  
SUAS RELAÇÕES COM O ESTUDO DA CULTURA AFRO-  
BRASILEIRA NA ESCOLA.**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

Paula Cristiane de Souza Silva

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA ARTE DO BRASIL COLÔNIA E  
SUAS RELAÇÕES COM O ESTUDO DA CULTURA AFRO-  
BRASILEIRA NA ESCOLA.**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Profa. Dra. Mariana de Lima e Muniz

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

Silva, Paula Cristiane de Souza, 1981-

A Representação do Negro na Arte do Brasil Colônia e suas Relações com o Estudo da Cultura Afro-Brasileira: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Paula Cristiane de Souza Silva. – 2015.  
65 f.

Orientador(a): Profa. Dra. Mariana de Lima e Muniz

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Lima e Muniz, Mariana de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *A representação do negro na arte produzida no Brasil Colônia e suas relações com o estudo da cultura afro-brasileira na escola*. De autoria de Paula Cristiane de Souza Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Mariana de Lima e Muniz - Orientador

---

Prof. Dr. Maurilio Andrade Rocha

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

## **RESUMO**

A arte a qual o negro é representado no Brasil colonial por artistas europeus entre os séculos XVII a XIX será apresentada nesse trabalho numa perspectiva de pedagogia de projetos, onde a lei 10.639/2003 que trata do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Escola poderá ser efetivamente aplicada. Esse trabalho através de pesquisas no campo das Artes Visuais, História e Educação, mostra como a utilização da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa pode possibilitar a construção de conhecimentos em torno da História e da Arte de forma crítica e reflexiva. É uma sugestão de trabalho em que os alunos através do Ensino de Artes Visuais, terão a oportunidade de estudar as relações étnico raciais na escola. Poderão confrontar suas ideias e analisar o imaginário dos artistas europeus, o imaginário construído por essas obras na sociedade e a realidade, para assim elaborar conceitos e aprendizados.

Palavras-chave: Abordagem Triangular; Ensino de Artes Visuais; História e Cultura Afro-brasileira; Imaginário; Período Colonial no Brasil.

## **ABSTRACT**

The art which the black is represented in colonial Brazil by European artists from the seventeenth to nineteenth centuries will be presented this work in a project pedagogy perspective, where the law 10.639 / 2003 which deals with the teaching of History and Afro-Brazilian Culture at School It can be effectively applied. This work through research in the field of Visual Arts, History and Education, shows how the use of Triangular Approach proposed by Ana Mae Barbosa can enable the construction of knowledge about the history and critically and reflectively Art. It is a working suggestion in students through the Visual Arts Education, will have the opportunity to study racial ethnic relations at school. They may confront their ideas and analyze the imagination of European artists, the imaginary constructed by these works in society and reality, so as to develop concepts and learnings.

Keywords: Triangular approach; School of Visual Arts; History and Afro-Brazilian Culture; Imaginary; Colonial Period in Brazil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Debret, Jean Baptiste. Aplicação do castigo do açoite .....p.18
- Figura 2 - Eckhout, Albert. Homem Africano.....p.35
- Figura 3 – Portinari, Cândido. Lavrador de Café.....p.35
- Figura 4 - Rugendas, Johann Moritz. Escravos provenientes de Cabinda, Quiloa, Robolla e Mina ..... p.50
- Figura 5 - Rugendas, Johann Moritz. Escravos provenientes de Benguela, Angola, Congo e Monjolo ..... p.50
- Figura 6 - Rugendas, Johann Moritz. Navio negreiro .....p.51
- Figura 7 - Rugendas, Johann Moritz. Lavagem de ouro em Itacolomi..... p.51
- Figura 8 - Rugendas, Johann Moritz. Capoeira ..... p.52
- Figura 9 - Rugendas, Johann Moritz. Festa de Nossa Senhora do Rosário..... p.53
- Figura 10 - Rugendas, Johann Moritz. Congado ..... p.53
- Figura 11 - Rugendas, Johann Moritz. Batuque ..... p.54
- Figura 12 - Debret, Jean Baptiste. Mercado de Escravos no Rio de Janeiro .....p.55
- Figura 13 - Debret, Jean Baptiste. Um jantar brasileiro ..... p.56
- Figura 14 - Debret, Jean Baptiste. Feitor Corrigindo Escravo ..... p.57
- Figura 15 - Debret, Jean Baptiste. Sapataria ..... p.57

## SUMÁRIO

Introdução .....	p.08-09
Capítulo 1: Contextualização.....	p.10-21
Capítulo 2: A utilização da Metodologia de projetos para uma efetiva aplicação da Lei 10.639 no Ensino de Artes Visuais.....	p.22-36
Capítulo 3: Proposta Pedagógica .....	p.36-59
Considerações finais .....	p.60-61
Referências.....	p.62-65



## Introdução

Esta monografia relata sobre como a leitura de imagens de Arte do período colonial brasileiro, especificamente as obras de arte do século XVII a XIX produzidas por artistas europeus que representaram a figura do negro, pode possibilitar o ensino sobre a cultura afro-brasileira e o ensino de Arte.

É uma abordagem de um período histórico e artístico brasileiro através do processo de contextualização na história da arte, apreciação de obras do período e produção artística sobre a representação atual do negro a partir de possibilidades de técnicas usadas a partir do estudo das imagens de referência.

A construção de conhecimento se dá através de processos de ensino e aprendizagem. É um processo onde o ensinar e aprender estão articulados. Segundo John Dewey (1979), no passado, a concepção e práticas do ensino eram centradas no professor, o aluno era como um ser inacabado. O aluno recebia as informações e as acumulava de forma passiva. O mundo e a realidade eram transmitidos pelos que sabiam aos que não sabiam.

O mundo mudou e novas perspectivas em torno do ensino são discutidas e estudadas. Essa pesquisa pretende abordar como novas práticas podem ser utilizadas nos processos de ensino aprendizagem considerando novas realidades, novos perfis de alunos e um mundo também em constante modificação.

Esse trabalho foi pensado para enriquecer o ensino no espaço escolar, tratando a escola como lugar de interação que dará condições para o aluno se desenvolver. Nessa monografia, é apresentada uma proposta em que o aluno pode desenvolver sua autonomia e, com a mediação do professor, poderá relacionar as questões ligadas à arte e à cultura afro-brasileira.

As teorias de Ana Mae Barbosa (1991) servem como base metodológica para esse estudo, principalmente sua proposta de *Abordagem Triangular* onde são fundamentais o fazer, fruir e contextualizar arte. A Abordagem Triangular de Ana

Mae se aproxima às teorias que propuseram uma educação onde a base era a experiência de aprendizagem do indivíduo como sujeito social, e que também fundamentam esse trabalho. Essas propostas são a base metodológica para a prática pedagógica na Escola Municipal Antônio Salles Barbosa que faz parte da cidade de Belo Horizonte dentro da disciplina Arte com os alunos do 3º ciclo do ensino fundamental.

Minha proposta é trabalhar com os estudantes como se deu a formação do povo brasileiro e qual era o imaginário do colonizador europeu em torno da figura do negro no período colonial e quais as influências desse período que ainda permanecem nos dias atuais através do estudo de obras de arte da época.

Esse trabalho terá como fonte de estudo a arte produzida no Brasil no período colonial por estrangeiros europeus no período entre os séculos XVII a XIX e que tem como característica a apresentação de como era, a partir de seus olhares, o Brasil. Eles registravam o desconhecido, o exótico, a realidade que observavam. No caso da pintura do negro se destacam o holandês Albert Eckhout (1610 - 1666), o alemão Johann Moritz Rugendas (1802 - 1858), o francês Jean-Baptiste Debret (1768 - 1848), o austríaco Thomas Ender (1793 - 1875).

Essa pesquisa apresentará uma proposta de trabalho através da pedagogia de projetos que abordará o estudo de arte e as relações étnico-raciais no 3º ciclo do ensino fundamental na escola Municipal Antônio Salles Barbosa, no contexto do atendimento à Lei 10.639/03.

Esse estudo objetiva construir caminhos dentro do campo do ensino das artes visuais que possam ser utilizados na disciplina Arte no ensino fundamental, levando o sujeito a ter um olhar crítico em relação à representação pictórica do negro no Brasil colonial.

## Capítulo 1 - Contextualização

Falar sobre arte colonial brasileira é referir-se a toda produção artística produzida no Brasil entre os séculos XVI e XIX. Essa pesquisa, entretanto, terá como foco de estudo as imagens de negros produzidas nesse período por artistas europeus que estavam no Brasil. Nesse caso serão estudadas as obras de arte do século XVII a XIX. Pois se consideramos artistas viajantes, aqueles que chegaram ao Brasil a partir de 1630. Segundo Miguel Luiz Ambrizzi<sup>1</sup> na Capitânia de Pernambuco em 1630 chegam holandeses comandados por Maurício de Nassau juntamente com os artistas Albert Eckhout e George Marcgraff, além de geógrafos, médicos, engenheiros, geômetras e botânicos. Para entender como se deu essa produção se fará necessário compreender qual é o conceito de *imaginário*<sup>2</sup> e conhecer o imaginário do viajante europeu que chegou ao Brasil no período colonial, quais eram as realidades desses artistas, quem eram esses artistas, como eram os negros que aqui estavam e o que foi o Brasil no período colonial, em seu contexto social, político e econômico no século XVI a XIX.

Realizar estudos em torno da arte que apresentava a figura do negro é entender que será necessário percorrer caminhos entre a história, arte e sociologia para compreender o contexto o qual tais obras estavam inseridas para então fazer uma análise crítica que levará aos estudos das relações étnico raciais. Dessa forma esse trabalho tem um recorte de tempo que é justificado pela necessidade de se entender como foi o processo de colonização europeia e de inserção dos povos negros no Brasil que fizeram parte da construção do país e deram a ele uma identidade.

Pensar num trabalho na escola que tenha uma abrangência sobre o estudo de Arte e as relações étnico raciais no Brasil a partir de obras do passado, é entender que

---

<sup>1</sup> AMBRIZZI, Miguel Luiz. O olhar distante e o próximo - a produção dos artistas-viajantes. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes\\_mla2.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla2.htm)>

<sup>2</sup> O imaginário segundo Laplantine e Trindade é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção. O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida.

se fará necessário compreender esse passado a partir de vários olhares. Elaborar e desconstruir significados e conceitos anteriores, acrescentar e reelaborar novos pensamentos. É buscar analisar de forma crítica e investigativa unindo o universo das artes plásticas e da história no ambiente escolar. Entender como as artes visuais produzidas no período colonial podem contribuir para conhecer e analisar nossa história e a construção de nossa identidade. Perceber que essa história foi construída a partir de muitas individualidades.

O imaginário dos artistas europeus que chegaram ao Brasil entre os séculos XVII a XIX foi construído a partir de características intrínsecas de sua época e de sua cultura. Uma cultura diferente da encontrada aqui no Brasil no mesmo período, que se encontrava em constante transformação e construção devido aos seus processos de colonização, ao regime escravocrata e a formação da identidade brasileira.

A capacidade de elaboração de sentido perpassa a experiência factual, a experiência sensorial e as relações estabelecidas entre o homem com o espaço em que vive. O imaginário faz parte desse processo. Sendo assim, o indivíduo realiza exercícios mentais e faz correspondências entre suas sensações perceptíveis e as reflexões sobre aquele objeto de análise. Dessa maneira, o artista em contato com o que para ele é diferente, constrói um imaginário que é refletido em suas obras. As obras dos artistas europeus no período colonial são apresentações do que esses artistas acreditam a partir de seus olhares como indivíduos que vinham de uma sociedade com características culturais próprias, que também estavam em constante mudança e em contato com o diverso de uma nova cultura.

Uma mentalidade nova era elaborada e fazia com que esse indivíduo artista, ao produzir suas obras, fizesse escolhas de representação próprias daquilo o que percebia, imaginava, acreditava ser ou mesmo que tinha por opção escolher de forma intencional de acordo com o que acreditava ser necessário dentro da estrutura social que vivia.

As representações iconográficas, assim como qualquer outro documento, repito, são lidas sempre no presente, por meio de filtros e chaves, para continuar fazendo uso dessas metáforas, que

pertencem ao presente, pelo menos na maioria das vezes. Por isso, elas adquirem novos significados a cada nova leitura, a cada nova época, e por isso também elas oferecem novas respostas às novas indagações que são colocadas. Nem a imagem que pretendeu ser a mais fiel das cópias de uma realidade qualquer jamais o será, assim como acontece com qualquer interpretação historiográfica. Há sempre a arbitrariedade, a parcialidade e as escolhas do observador e do historiador, o que garante, sempre, olhares e versões diferentes sobre um mesmo objeto. (PAIVA, 2006, p. 55)

O imaginário composto por obras plásticas deste período pode remeter a algo extraordinário, exótico, inferior, superior, conceitos de beleza, fantasia, mas acima de tudo é uma produção de imagens resultado de suas relações com a alteridade.

O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva. (LAPLANTINE, 1994, p. 8)

Para compreender o imaginário dos artistas europeus que vieram para o Brasil é importante entender que seu entendimento do que era o Brasil foi construído a partir das informações que tiveram enquanto estavam na Europa e, posteriormente, a partir de suas experiências no Novo Mundo. Isso refletiu em suas produções artísticas de forma significativa.

Ambrizzi em seus estudos relata como era o imaginário do navegante nos fins do século XV e por todo século XVI. O período colonial no Brasil começa no século XVI, porém essa mentalidade sobre o novo continente já era formada na Europa anteriormente, o que influenciou na formação daqueles que vieram para o Brasil.

Desde fins do séc. XV e por todo o séc. XVI predominou na Europa em relação ao Novo Mundo certa visão fantasiosa que se nutria de narrativas extravagantes de viagens imaginárias ou sobrenaturais. Eram ora regiões maravilhosas, onde se situaria o próprio Paraíso Terrestre, ora terras inóspitas despovoadas ou, pior ainda, habitadas por seres monstruosos. (AMBRIZZI, 2011)

Peter Burke (2004), também fala sobre as distorções possíveis de habitantes de lugares e contextos diversos, pessoas que supõem conhecer uma realidade tentando explicar o desconhecido:

As raças monstruosas podem ter sido inventadas para ilustrar teorias sobre a influência do clima, revelando a pressuposto de que pessoas que habitam lugares extremamente frios ou quentes não podem ser totalmente humanas. Contudo, pode ser esclarecedor tratar essas imagens não como simples invenções, mas como exemplos de percepção distorcida e estereotipada de sociedades remotas. [...] Na medida em que a Índia e a Etiópia se tornaram mais familiares aos europeus nos séculos 15 e 16 nem Blemmiae, Amazonas ou Sciopods puderam ser encontrados, os estereótipos foram realocados no Novo Mundo. (BURKE, 2004, p. 157-158)

Os artistas europeus do século XVI a XIX viviam na Europa em países como Portugal, Holanda, França, Áustria e Alemanha. Esses artistas estavam inseridos numa sociedade que assistia e participava de uma expansão territorial e de influências marcada pela busca e conquista de bens e matérias primas. Foi um período de grandes migrações. Os primeiros séculos deste período foram marcados por uma conquista daquilo que a Europa não conseguia produzir com o estabelecimento de bases de controle dos países colonizadores. Após esse estabelecimento e forma de organização, com o passar dos séculos passou a ter além da obtenção de matérias primas para suprir suas necessidades, buscar também mercados consumidores de suas produções e criar relações de comércio.

Nesses movimentos migratórios e de interesses existia uma interação entre os países colonizadores como, por exemplo. Portugal, Espanha, França e Holanda. A arte aparecia como forma de comunicação e divulgação dos novos espaços envolvidos nessa estrutura de influências. Ela estava presente e apresentava à Europa, o Brasil através dos olhos dos viajantes. Podemos relacionar esse fato aos nossos meios de publicidade e propaganda utilizados nos dias de hoje, que utilizam das imagens como meios para divulgação de seus produtos e incentivar o consumo. O Brasil era também divulgado na Europa através das imagens produzidas pelos artistas que aqui estiveram.

Os artistas europeus vieram para o Brasil e, em seus trabalhos artísticos, registravam, a partir de suas visões, o país que desbravavam. Esses registros serviram muitas vezes para relatar as características aqui presentes a aqueles que ainda estavam na Europa. Para eles, o novo estava sendo apresentado através dos detalhes de suas obras. Apesar dessas tentativas de reproduzir o mundo visto, o imaginário e a identidade dos artistas estrangeiros influenciavam na produção de suas obras.

Não obstante sabermos então que é impossível reproduzir uma realidade qualquer da maneira como pretensamente ela teria sido, até o século XIX foi muito comum entre os artistas pretenderem transportar uma realidade para seus quadros, aquarelas e esculturas. Influenciados por uma tradição renascentista de copiar o real, como se ele existisse em si, apenas naquilo que pode ser visto, muitos artistas brasileiros e estrangeiros buscaram reproduzir uma vida cotidiana no Brasil. Evidentemente não conseguiram. (PAIVA, 2006, p. 55)

O período colonial no Brasil foi um momento de grandes mudanças, um país que recebia a cultura do colonizador muitas vezes em detrimento das culturas indígenas nativas. Pessoas que chegavam e construíam suas vilas que posteriormente se tornariam cidades. Foi um período marcado pelo trabalho escravista que possibilitava um lucro rápido e abastecia a necessidade de mão de obra. O trabalho escravo era usado em plantações de açúcar, cacau, fumo, café, entre outras. No século XVIII, foram muito utilizados na mineração, em Estados como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Muitos escravos trabalharam também como barqueiros, sapateiros, artesãos, vendedores, estivadores que trabalhavam carregando e descarregando os navios, serviços domésticos e na pecuária. Muitos prestavam serviços de carpintaria, barbearia, alfaiataria. Foi também época em que houve um grande crescimento populacional intensificando o trabalho da agricultura, mineração, comércio, atividades que surgem da necessidade de atender a sociedade que se formava.

É importante nesse estudo explicitar que na história da África do século XVI ao XIX já existia escravidão, porém num sentido diferente do que se tornou a escravidão no Brasil. Na África o homem escravizado tinha diferentes origens. Na maioria das vezes ele advinha das guerras. Eram vendidos pelos vencedores. Mas também se

tornavam escravos por terem cometido crimes contra a sociedade, endividamento ou por miséria. Na África pode-se dizer que existiu uma escravidão doméstica, eles trabalhavam na agricultura e pecuária, mão de obra em minerações entre outros, e em incursões militares. Já no Brasil o homem escravizado foi despersonalizado e associado a objeto, coisa. A vontade do homem africano era ignorada, e ele era vendido como mercadoria que estava submetida aos valores de mercado. Passou a ser grande fonte de lucro.

O negro africano que chegava ao Brasil em condições de escravidão foi tirado de seu contexto social de forma imposta e toda sua cultura foi violentada. Como já citado antes, não existia uma preocupação que os escravos ficassem reunidos respeitando seus familiares e grupos que tinham afinidades na África. Os povos Africanos eram e são muito diversos, ao chegar ao Brasil, essas diversidades foram colocadas em contato, e para o fortalecimento de suas características e permanência foram preciso ser feitas readaptações.

Para que a cultura dos povos africanos não fosse totalmente destruída, eles precisaram utilizar estratégias de sobrevivência e resistência. Exemplo disso pode-se citar a religião. A religião de matriz africana não era considerada como religião e era extremamente discriminada. Os povos escravizados para poder praticar sua religião precisaram por várias vezes relacionar seus orixás a santos católicos com características próximas. Seus altares eram escondidos e enquanto o colonizador acreditava que os povos africanos estavam rezando para seus santos católicos, os negros estavam na verdade homenageando seus orixás.

Entre os séculos XVII e XIX várias embarcações chegaram ao Brasil trazendo artistas, pintores, desenhistas, escultores, gravadores, arquitetos, artesãos e cientistas. A seguir, cito algumas das Missões e artistas significativos que integravam esses grupos. As obras desses artistas serão estudadas com maior aprofundamento ao decorrer desse estudo.

Em 1630, a Missão Holandesa chega ao Brasil tentando registrar a realidade do país de forma descritiva. Albert Eckhout foi um dos artistas desse grupo. Em 1816, é a



vez da Missão Artística Francesa desembarcar no país. Ela tinha como um de seus objetivos principais introduzir o sistema de ensino superior de Belas Artes. Dentre os integrantes estava o artista Jean Baptiste Debret, o qual foi um dos mais importantes artistas. Em 1817 chega ao Brasil a Missão Austríaca, Thomas Ender é um desenhista que chega ao país juntamente com outros integrantes como o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius e os zoólogos Johann Baptiste von Spix e Johann Natterer.

No período de 1822 a 1829, outro artista significativo, João Maurício Rugendas também desembarcou no Brasil com o objetivo de realizar catálogos que registrassem a flora e a fauna, os grupos étnicos e os costumes que se estabeleciam nas regiões desbravadas pelos colonizadores.

Os artistas citados realizaram pinturas, gravuras e desenhos. Fizeram catálogos, registros dos mais variados, como rascunhos, esboços e escritos. Pensar nas obras realizadas no período colonial pelos artistas europeus é também tentar entender os limites entre a documentação, a criação e a contemplação da realidade observada. O artista com seu imaginário construído historicamente a partir de suas vivências tenta realizar uma representação fiel de uma realidade observada do Brasil através das artes plásticas. Um desejo de registrar o real vivido no período colonial que é apresentado nas suas produções.

Neste contexto, a presente monografia tem como objetivo entender como a arte produzida pelos artistas europeus que representaram o negro pode ser estudada na Escola de Ensino fundamental com a temática cultura africana de forma crítica. Para que isso aconteça é preciso entender quem eram os negros e como era sua forma de vida nesse período. Conforme já citado anteriormente, as pinturas realizadas no período colonial se pretendiam como representações daquilo que viam os artistas europeus nos espaços brasileiros, ainda que devamos questionar os propósitos e os contextos políticos e sociais a que se destinavam essas produções.

Os negros que chegaram ao Brasil foram trazidos de forma imposta. Foram capturados e transportados através de navios em condições precárias. A viagem era

longa e o destino desses negros era a sua venda e prover uma necessidade de mão de obra na colônia de acordo com a vontade de seus donos. Eram tratados como mercadoria. Não eram considerados como pessoas que possuíam uma história cultural, costumes, tradições, religiões. Que possuíam em seu país de origem suas línguas, formas de organização política e de sociedade.

Empilhados nos porões, recebendo poucas rações de comida e de água, era natural que o morticínio fosse acentuado. Perdia-se, invariavelmente, 10% da carga, na melhor das hipóteses, e casos houve em que morreu a metade dos indivíduos transportados. Amontoados no porão, quando o navio jogava, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro, para beber um pouco desse ar lúgubre que se escoava pela estilha gradeada de ferro. (MACEDO, 1974, p. 29)

Não existia uma preocupação em se manter as famílias desses africanos unidas. E tampouco em manter a cultura dessa população. Souza (2008, p.84) descreve que “Além de serem afastados das aldeias nas quais cresceram e que eram o centro de seu universo, muito poucas vezes conseguiam se manter próximos de conhecidos e familiares mesmo quando todos eram capturados juntos”. Mesmo que tivessem chegado junto nas embarcações, eram escolhidos e organizados separadamente de acordo com a necessidade de trabalho.

Na sua chegada ao Brasil, sua aparência para a venda teria de ser a melhor possível, como ocorre em todo comércio, tendo seu corpo todo aplicado com óleo de palma para esconder as doenças de pele e dar brilho, evidenciando um falso sinal de vigor e saúde; os dentes eram escovados com raízes adstringentes e eram feitos exercícios físicos mesmo que obrigatórios para dar flexibilidade ao corpo e esconder as atrofia musculares devidas à má posição durante os meses no navio. (MATTOSO, 1990, p. 66)

Mattoso (1990) fala sobre a maneira em que era forjada a apresentação dos negros ao público consumidor. Essa imagem construída também era mostrada através das artes produzidas. É um relato que mostra uma intencionalidade em apresentar uma imagem diferente da realidade com objetivos em alcançar lucro. Essa análise se torna importante quando colocada ao lado dos processos de leitura de imagens e contextualização das obras de arte a serem estudadas em sala de aula. São informações importantes para a construção de novos olhares sobre os povos negros

que se estabeleceram aqui. É também meio para a compreensão da construção artística daquele período.

Ao conhecer as condições que os africanos foram submetidos, uma questão surge. Qual era a reação dessas pessoas diante dos maus tratos e desse deslocamento da África para o Brasil de forma compulsória? Fazer uma pesquisa sobre os registros escritos de época e sobre estudos de pesquisadores em torno desse fator é um caminho possível. Mas temos também os registros desse povo pintados pelos artistas europeus. São muitas, senão a grande maioria, as pinturas que mostram suas feições com expressões de apatia.

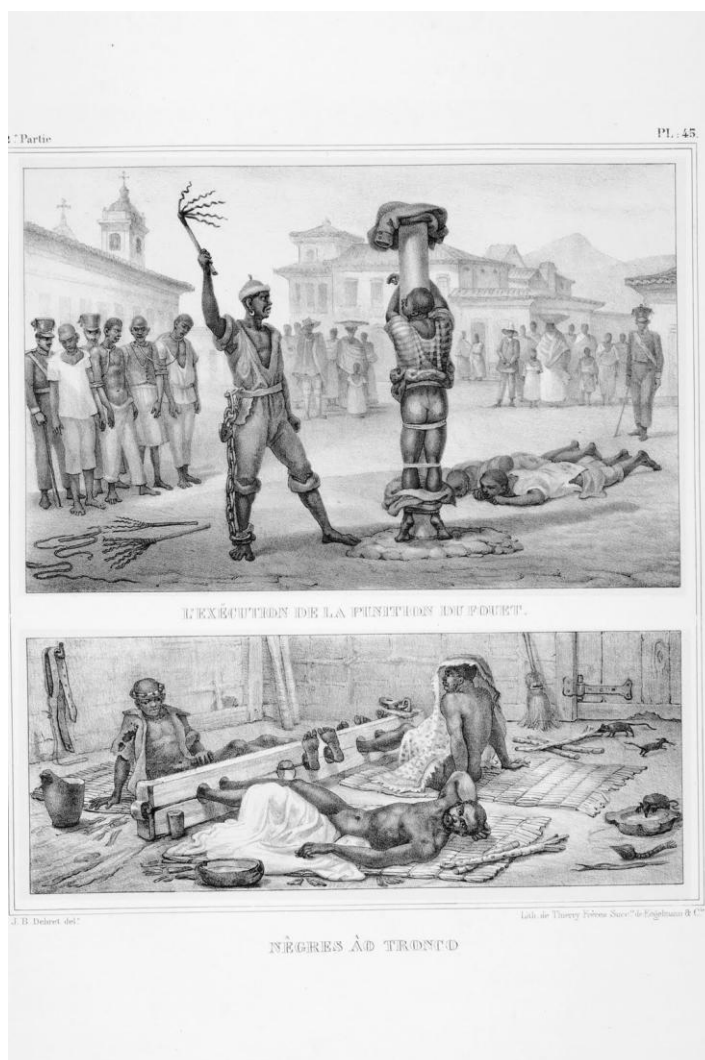


Figura 1: DEBRET, Jean Baptiste. Aplicação do castigo do açoite. 1820-1830. Litografia.

Estudar a história dos povos africanos no Brasil é aprender que não foi isso que realmente aconteceu. Pois os negros não aceitavam aquelas condições sem

resistência. Muitos foram mortos e sofreram castigos severos por causa de suas lutas.

Para falar como realizar o estudo das relações étnico raciais na escola nas aulas de Arte é preciso antes, analisar todo esse contexto que relaciona arte, história e povos africanos no Brasil no período colonial. Relacionar a história às imagens de arte produzidas é muito importante para mediar o conhecimento em sala de aula. Como realizar leituras de imagens apenas através da percepção ótica e da realidade individual de cada aluno sem contextualizar?

Proponho um trabalho a ser realizado a partir da proposta abordada por Ana Mae Barbosa, a Proposta Triangular. Ana Mae mostra em sua teoria a importância de realizar nas aulas de Arte a leitura de imagens, contextualização e o fazer artístico dentro do processo de ensino/aprendizagem.

Para uma triangulação cognoscente, que impulse a percepção da cultura do outro e relativize as normas e valores da cultura de cada um, teríamos que considerar o fazer (...), a leitura das obras de Arte (...) e a contextualização, quer seja histórica, cultural, social, ecológica etc.(BARBOSA, 1998, p. 92)

Ana Mae (1998) ressalta que nesse processo esses aspectos ocorrem de forma interligada e não de forma isolada. Precisam ser trabalhados de forma complementares para que o aluno consiga compreender o conteúdo e fazer parte dessa construção de conhecimento. Pensando sobre esses três pilares, leitura, contextualização e fazer artístico, a autora afirma: “não se tratam de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem” (p.40).

Contextualizando as obras escolhidas percebe-se que a realidade vivida pelos povos africanos no período colonial muitas vezes não é apresentada de forma fiel aos fatos. Mas também existe na arte desses artistas grande fonte de informações que podem ser obtidas a partir de seus estudos. São obras que também possibilitam conhecer a história, a arte produzida, e a construção de uma mentalidade sobre os povos negros no Brasil. Eduardo França Paiva (2006, p.17) afirma que “A iconografia

é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada.”

Belluzzo (1994, p.8) também explica que as leituras das obras de arte do período colonial “mais do que entrever o Brasil deixam ver o europeu. Mais do que enxergar a vida e a paisagem americana, levam a focalizar a espessa camada da representação. Evidenciam mais versões do que fatos.”

Perceber a imagem como uma construção de uma cultura é riquíssimo e possibilita um grande aprendizado. A obra de arte é um meio de conexão entre o artista e o receptor. Nela são apresentados signos que podem ser interpretados de forma diferente dependendo do contexto e identidade do expectador. O indivíduo que observa uma obra de arte a percebe de forma contextualizada, nos seus processos perceptivos e de análise, recebe novas informações, acrescenta ou transforma os seus significados de mundo e de entendimento. A leitura de imagens dentro desse contexto é influenciada por diversos fatores ambientais, sociais e culturais. Sendo assim componente fundamental das aulas de Artes Visuais a leitura de imagem permite uma grande abrangência de discussões e aprendizados.

Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo. Não concebemos as imagens como passivas, pois de qualquer maneira constituem-se a forma como, em momentos diversos, percebemos a vida social, a natureza e as pessoas que nos circundam: construídas no universo mental, superpõem-se, alteram-se, transformam-se. (LAPLANTINE, 1994, p. 2)

Percebe-se então a importância de se conhecer o olhar do colonizador, do colonizado e dos povos escravizados e a partir daí fazer reflexões críticas. Como fazer isso nas aulas de Arte? Através da aplicação da Teoria Triangular de Ana Mae Barbosa, através de pedagogias de projeto, utilizando as obras de arte do período colonial o qual o negro é representado. A ideia de Pedagogia de Projetos no espaço escolar é promover as discussões e estimular a curiosidade na busca de conhecimento. A Escola é um espaço muito propício a isso já que nesse lugar é

possível utilizar metodologias as quais o estudante estará em interação com seu grupo escolar e terá a mediação do professor na busca por conhecimentos. Mas afirmo também que a proposta de pedagogia de projetos não precisa necessariamente estar fechada ao ambiente da Escola. São práticas que podem extrapolar o espaço escolar. É importante trabalhar de forma conectada aos vários saberes.

John Dewey (1979), foi um dos criadores da metodologia de projetos. Em sua teoria, repensa a forma de escola tradicional e mostra que através de uma prática pedagógica através de metodologia de projetos é possível que todos participantes da proposta tenham papel significativo em sua construção. Assim, o estudante tem subsídios para construir seu conhecimento de forma dinâmica e desenvolva sua autonomia.

No caso das aulas de Arte, a leitura de imagem com o propósito de compreender a arte do período colonial e construir novos olhares sobre os povos negros no Brasil através de pedagogia de projetos é possibilitar que o estudante seja protagonista de seu conhecimento e não mero receptor de informações. É possibilitar uma maior participação e interação entre alunos e professores no processo de ensino/aprendizagem.

Percebe-se ao longo do texto uma correlação entre identidade do artista, identidade de quem vê a arte, imaginário, percepção de mundo, construção de imagens, e o universo escolar. Entender esses processos é muito importante para compreender como se deu a produção artística daqueles artistas daquele período e compreender suas obras de forma crítica e fazer uso disso dentro do espaço escolar. Pensar num ensino de Arte que vise o conhecimento em arte e estudo das relações étnico raciais é valorizar como as imagens produzidas pelos artistas europeus sobre o Brasil muito tem a dizer sobre a realidade do país e também sobre os olhares do colonizador que contribuíram de forma definitiva na formação de uma mentalidade sobre os povos negros que vivem hoje no país.

## **Capítulo II: A utilização da Metodologia de projetos para uma efetiva aplicação da Lei 10.639 no Ensino de Artes Visuais**

Perceber a necessidade do trabalho sobre as relações étnico raciais no ambiente escolar é também entender como o mundo social que ultrapassa os muros da escola faz parte nos dias de hoje do ensino. É compreender como a construção de aprendizado deve se levar em conta a bagagem cultural presente na vida do aluno. E entender como essa cultura influencia diretamente na sua formação. Sendo assim pensar em trabalhos que relativizem formas de pensar e levem em consideração o mundo social é também pensar na forma em que a escola é estruturada hoje e novas alternativas de trabalho que possibilitem o trabalho de ensino/aprendizagem diante dessa realidade.

Ao longo dos séculos a educação passou por mudanças que foram influenciadas pelo contexto de cada época. Se fosse possível realizar uma coleção de entrevistas onde seria perguntado sobre o conceito de educação a pessoas que viveram no século XVI e outras que viveram no século XX, teríamos respostas muito diferentes. Isso também poderia ocorrer se forem confrontadas as ideias do que é educação de pessoas que vivem num mesmo século.

O indivíduo elabora seus conceitos de acordo com a forma de sociedade em que essas pessoas vivem, seus valores, sua forma de política, suas crenças, o contexto de vida. Assim também foram as muitas teorias<sup>3</sup> que surgiram de pesquisadores como Jean Piaget (1973), Lev Semenovitch Vygotsky (2001), Henri Wallon (1975), que cada um, dentro de seus contextos sociais, buscavam entender a educação e as relações entre ensino e aprendizagem. Estudiosos que pensaram e escreveram suas teorias baseadas naquilo o que acreditavam ser o melhor caminho para alcançar o conhecimento.

Mas podemos perceber nas mais diversas culturas que o aprender está diretamente relacionado com as experiências que o indivíduo faz com o mundo e a vontade de

---

<sup>3</sup> ROQUE, Walkiria. Piaget, Vygotsky e Wallon – *Tripé teórico da Educação*. 2010. Disponível em <<http://walkiriaroque.com/2010/11/20/piaget-vygotsky-e-wallon-tripe-teorico-da-educacao-2/>> Acesso em 17 set. 2015.

conquistar conhecimento, fomentado pelas curiosidades e necessidades naturais de sobrevivência.

Em cada época pode-se observar também que aquilo o que é considerado conhecimento também sofre influência do contexto. Por exemplo, numa sociedade onde a necessidade de mão de obra industrial era grande, a busca por conhecimentos nesse campo é então muitas vezes supervalorizada. Em outra sociedade em que as pessoas perdem a esperança num futuro melhor, e perdem a expectativa de vida como foi em países envolvidos na I Guerra Mundial (1914-1918)<sup>4</sup>, o conhecimento sobre a mente desse indivíduo adoecido pelos horrores da guerra é valorizado como foram os estudos de Sigmund Freud na Psicanálise. Assim como nos dias de hoje determinados estudos e busca por aprendizados em determinados campos se tornam mais presentes. O que não torna todas as áreas do conhecimento menos importantes na constituição de um todo.

Essa pesquisa propõe reflexões de como a Escola pode trabalhar as relações étnico-raciais. Tema que além de ser obrigatório e amparado por legislação, no caso a lei 10.639/2003<sup>5</sup>, também surge de uma necessidade de dentro e de fora da escola. Quando esse tema é proposto e discutido, é importante compreender que são acessados vários conhecimentos de diversas áreas que podem ser estimuladas e articuladas para possibilitar aprendizados. Pensar a Educação como um emaranhado de conexões de aprendizados e conhecimentos é pensar numa perspectiva de trabalho pedagógico diferenciado.

Muito tem se falado hoje sobre pedagogia de projetos na educação e sobre os processos de ensino/aprendizagem. O primeiro a falar sobre o assunto foi John Dewey no início do século XX. Foi um dos pensadores que acreditava que era preciso colocar em prática uma pedagogia que observasse o indivíduo como um todo. Dewey (1979), em sua teoria apresenta a ideia do que seria uma educação

---

<sup>4</sup> Baldi, Cynthia Cristiane Guerreiro. Os afetos da Primeira Guerra Mundial na vida e na obra de Sigmund Freud. Disponível em <[http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii\\_congresso/temas\\_livres/os\\_afetos\\_da\\_primeira\\_guerra\\_mundial\\_na\\_vida\\_e\\_na\\_obra\\_de\\_freud.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/os_afetos_da_primeira_guerra_mundial_na_vida_e_na_obra_de_freud.pdf)> Acesso em 17 set. 2015.

<sup>5</sup>BRASIL. Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em 25 set. 2015



chamada de tradicional onde as relações entre os participantes do processo educativo, no caso alunos e professores era hierarquizado.

O professor era considerado o detentor de um saber acabado que era passado a seus alunos. Não existia uma preocupação sobre os conhecimentos prévios dos alunos. O professor levava o conhecimento aos alunos sem abrir possibilidades de questionamentos.

Numa sociedade da informação, o professor já não pode, com certeza, ser considerado o único detentor de um saber que apenas lhe basta transmitir. É preciso ser capaz de se orientar no meio dos saberes tornando-se de algum modo, parceiro de um saber coletivo, que lhe compete organizar situando-se, decididamente, na vanguarda do processo de mudança. (PEREIRA, 2004, p. 81)

Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-americano, fez um trabalho de pesquisa sobre como se dão os processos de ensino/aprendizagem. Seus estudos fazem parte de uma filosofia pragmatista<sup>6</sup>. A palavra pragma vem do grego e tem como significado prática. Ele se interessou pelos conhecimentos prévios que os estudantes traziam para escola para criar possibilidades de ensino que aumentariam o interesse e participação dos alunos.

A Escola hoje cada vez mais tem recebido o mundo social fazendo parte de todo o contexto escolar. Uma nova sociedade demanda uma nova escola. E esse aluno que chega à escola tem suas expectativas e ansiedades fruto de um mundo em constante transformação, globalização, com a interação de novas tecnologias no dia a dia, com os conflitos que surgem da reflexão sobre o que é esse indivíduo dentro dessa sociedade. Consequência disso é uma reflexão sobre a escola que temos hoje para atender essas necessidades inerentes ao mundo contemporâneo.

...é a escola que deve responder pelo acesso ao conhecimento que se considera necessário à inserção social, para que os mais jovens se apropriem das conquistas das gerações precedentes e se preparem para novas conquistas. E ela – a escola faz isso por meio da seleção e organização de situações planejadas, especialmente, para promover a aprendizagem dos conteúdos que são culturalmente valorizados pela sociedade. (PEREIRA, 2004, p. 80)

---

<sup>6</sup> Significado de pragmatismo no dicionário priberam: <http://www.priberam.pt/dlpo/pragm%C3%A1tico>

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96)<sup>7</sup> no artigo 15 os sistemas de ensino asseguraram graus de autonomia para a escola. É instrumento para se organizar, tempos espaços escolares; Pensar nas práticas de ensino/aprendizagem. Sendo assim, a Escola poderá elaborar seus planos de trabalho de acordo com sua realidade e estruturar a identidade da escola através dessa análise. É muito importante que a comunidade escolar faça parte dessa construção. Pois é ela que estará envolvida em todos os processos.

É no projeto político pedagógico da Escola que deverão estar os projetos desenvolvidos. É nele também que descreverá a realidade da escola e quais objetivos se deseja alcançar com aquelas propostas que fazem parte dele.

Segundo Libâneo (2004, p.56), é o documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar.

Quando a pedagogia de projetos é trabalhada na escola é fundamental que esteja relatada e faça parte do Projeto Político Pedagógico da Escola. É nele que estarão os planejamentos que organizarão a prática do professor entrelaçando as atividades. É uma proposta em que os conteúdos curriculares estão articulados e pensados para que seja aplicado de uma maneira que se construa uma nova forma de elaborar o conhecimento.

Dentro do projeto político pedagógico da escola pode conter propostas de projetos que inicialmente tenham como público alvo alunos individualmente, a sala, a escola ou a comunidade como um todo. Podem também ser direcionados a apenas uma disciplina ou englobando duas ou mais disciplinas. Não se pode esquecer que o conhecimento não é elaborado de forma encaixotada em que o todo não se relacione. Isso significa que na constituição de um todo que é projeto político pedagógico da escola, os conhecimentos estarão conectados.

---

<sup>7</sup> BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado, 1996. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm). Acesso em 26 de set. 2015

Fernando Hernández<sup>8</sup> nasceu em 1952 na Espanha, doutor em Psicologia e professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona, realizou suas pesquisas baseadas nos estudos de John Dewey, acreditava numa organização curricular através de projetos que não existisse uma separação de conteúdos de forma descontextualizada e isolada.

A escola hoje possui uma nova realidade e novos desafios. O mundo contemporâneo, as novas mídias e esse novo contexto apresenta novos perfis de alunos, professores, famílias, comunidade escolar como um todo. E é hoje uma preocupação hoje de como lidar com tantas mudanças e trabalhar temas tão necessários que surgem dessa sociedade atual.

A pedagogia de projetos visa tentar entender essas mudanças e os olhares daqueles que fazem parte desse contexto e assim através de reflexões e práticas possibilitar o aprendizado. Essa não é uma metodologia com fórmulas prontas, técnicas e roteiros arbitrariamente elaborados. Não é um conjunto de instruções de como se trabalhar determinados assuntos. Não é uma diretriz a qual o professor deve seguir de forma rígida. Pelo contrário, é uma proposta que seja construída a partir de diagnósticos de cada realidade de público o qual o projeto será trabalhado. Uma construção de um projeto que vá atender as necessidades de determinado grupo. É um planejamento de ações que levarão todo o grupo envolvido no processo de ensino/aprendizagem a interagir.

O professor será o mediador das discussões e aprendizados. O professor dentro da perspectiva de pedagogia de projetos não é apenas um transmissor de dados e informações, é também um pesquisador assim como seus alunos. Nessa proposta o professor precisa conhecer seus alunos, conhecer a cultura que possuem, suas realidades de vida, expectativas, e conhecimentos anteriores. Ter clareza sobre quais objetivos quer alcançar para poder intervir da melhor forma no processo através de suas mediações.

---

<sup>8</sup> Para saber mais sobre Hernandez: <http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/fernando-hernandez.shtml>

Globalização e significatividade são, pois, dois aspectos essenciais que se plasmam nos Projetos. É necessário destacar o fato de que as diferentes fases e atividades que se devam desenvolver num Projeto ajudam os alunos a serem conscientes de seu processo de aprendizagem e exige do professorado responder aos desafios que estabelece uma estruturação muito mais aberta e flexível dos conteúdos escolares. (HERNANDEZ, 1998, p. 63)

Os alunos envolvidos nos projetos desenvolvidos irão formular questões, pesquisar, levantar hipóteses, refletir sobre antigos e novos conceitos, construir conhecimento. Na Pedagogia de Projetos existe uma construção de relações entre professores, colegas, comunidade escolar, nos processos existe uma troca de experiências e aprendizados que terão como consequência a elaboração de significados.

Os temas escolhidos na elaboração dos projetos surgiram da necessidade do grupo ou de temas de interesse que se apresentarem. Pode fazer parte do currículo escolar ou fazer parte de situações que estejam ligadas a vida social dos estudantes. Isso não significa que os conhecimentos, conteúdos do currículo oficial que precisam ser apreendidos dentro de cada fase etária serão deixados de lado. Eles estarão presentes de forma interligada. Os alunos farão as conexões necessárias entre os aprendizados para adquirir as habilidades próprias de cada fase de seu crescimento.

O professorado e os alunos devem perguntar-se sobre a necessidade, relevância, interesse ou oportunidade de trabalhar um ou outro determinado tema. Todos eles analisam, de diferentes perspectivas, o processo de aprendizagem que será necessário levar adiante para construir conjuntamente o Projeto. (HERNANDEZ, 1998, p. 67)

A escolha do tema deve considerar a observação do problema apresentado pelo grupo. Quando se pensa em problema geralmente as pessoas de forma geral relacionam a algo negativo, porém é importante salientar que nesse caso, situações problema são aquelas que serão o motriz para o trabalho. Podem ser situações de conflito, de interesse, ou de algo que tenha aparecido de forma cotidiana que merece ser fonte de motivação e que possibilitará a abertura de estudos e aprendizados em torno de diversos conhecimentos.

É também importante antes da escolha do tema conhecer a comunidade em que a Escola está inserida e traçar diagnósticos sobre aquela realidade para então fazer a escolha dos temas.

Um projeto surge pela necessidade. E ele precisa ser elaborado para que de alguma forma ele consiga suprir essas necessidades. Pensar na viabilidade de um projeto para alcançar o objetivo inicial é pensar nas possibilidades que o meio proporciona e até que ponto a interferência naquela realidade pode causar transformações positivas. Conhecer o público alvo e o meio em que o projeto será aplicado é fundamental. Existem realidades muito diversas e é importante considerá-la para assim analisar se a proposta tem condições reais de ser aplicada. O planejamento e adaptações do projeto para a realidade do local são essenciais.

Para que o projeto seja realmente significativo é fundamental que os objetivos propostos tenham relação com a identidade do público alvo e seja contextualizado. No caso do ensino regular os conteúdos formais precisam ser apreendidos. E quando se pensa em pedagogia de projetos é um mecanismo de alcançar os conhecimentos que são importantes em cada faixa etária utilizando uma forma de organização através de projetos.

A proposta precisa ser significativa para que os alunos compreendam o porquê de estarem realizando determinados procedimentos e atividades. Eles precisam compreender que fazem parte do processo que tem como objetivo construir conhecimento. Conhecimento esse que perpassa o tema proposto e que abrange assuntos do currículo fundamentais para sua formação.

Os alunos precisam compreender o motivo da escolha de determinado tema para o projeto, entender que eles fazem parte de um contexto social que apresenta demandas que influenciam diretamente sua formação como pessoas. Perceber essa necessidade de participação efetiva e comprometida ao trabalho a ser realizado pode ser construído através das relações de confiança que podem ser conquistadas no processo de mediação entre professor e alunos. O planejamento do projeto pode ser criado através das mediações estabelecidas e estruturado de forma coletiva.

Trabalhar cooperativamente e perceber que cada integrante do projeto tem papel fundamental na sua construção e sucesso do projeto é muito importante.

Um projeto pode ser pensado em desenvolver diversos aspectos como concentração, senso crítico, respeito pelo outro, responsabilidade, interesse pela pesquisa, criatividade, organização, persistência. Através dele o aluno pode aprender a ter uma maior consciência de que pode com autonomia ter a capacidade de construir sua própria história de acordo com suas escolhas e vontade. Pode também descobrir sua identidade a partir de reflexões sobre os temas de interesse abordados e de sua participação como ser integrante e importante que tem uma função naquele contexto social. O trato com situações problemas em um projeto possibilita o desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas que fazem parte do dia a dia, realidade que fará parte inevitavelmente de toda a vida do estudante.

Na aplicação da pedagogia de projetos poderão ser criados diferentes tipos de procedimentos que ampararão o trabalho. O projeto pode ter atividades de entrevistas, experimentação, no caso das aulas de Arte pode-se utilizar experimentação de materiais e técnicas, coleta de materiais diversificados, que podem ser desde recortes em jornais e revistas sobre o tema proposto até objetos e materiais que poderão ser utilizados no processo. Coleta de dados e informações dos diversos meios de comunicação como internet e redes sociais, sejam elas formais ou informais. Tabulações, gráficos, uso de vídeos, internet, data show, livros. Elaboração de meios de comunicação criados dentro do contexto escolar com intuito de divulgação de informação, recolhimento de dados e criação de espaço de debates e protagonismo juvenil. Criação de glossários. Criação de trabalhos escritos, trabalhos plásticos, cartazes. Utilização de diferentes formas de expressão para abordagem dos temas propostos, como teatro, dança, música além das Artes plásticas. Trabalho de campo com visitas monitoradas ou não.

Após a escolha do tema do projeto é preciso pensar as atividades e procedimentos que serão utilizados. Pensar no tempo e espaço para sua aplicação. Organizar as atividades pensando na quantidade de alunos, se serão atividades individuais, em

duplas ou em grupos. Ou mesmo se o projeto terá variações de agrupamentos de acordo com a atividade proposta.

No caso de entrevistas e trabalho de campo observar a esfera legal que ampara a pessoa física, jurídica ou patrimônio. Pensar nos prazos e autorizações para realizá-los.

É interessante que o projeto seja dinâmico e que todas as coletas de dados, informações, processos sejam apresentados à turma para avaliação e discussões. Vencer os desafios que se apresentam é possibilitar um crescimento individual quando cada integrante participante do projeto se torna agente ativo no desenvolvimento. Essa interação possibilitará que o trabalho aconteça de forma processual e colaborativa. O projeto dessa maneira será construído coletivamente para alcançar os objetivos propostos no projeto criado.

É importante que os procedimentos, atividades e o projeto em sua completude sejam constantemente avaliados pelos participantes. Abrir rodas de discussões, fazer avaliações escritas e orais sobre o desenvolvimento das etapas planejadas é um meio de se criar novas alternativas de trabalho ou seguir desenvolvendo o que tem apresentado maiores êxitos de aprendizado.

Além das avaliações sobre o desenrolar do projeto também é importante que sejam feitas avaliações escritas ou orais sobre o conteúdo formal que integral a proposta de trabalho. Realizar trabalhos que serão avaliados. Interessante também construir juntamente com o grupo critérios de avaliação para os trabalhos que serão apresentados.

A culminância de um projeto pode ser feita de diversas formas, por exemplo: montagem de exposição dos trabalhos, portfólios, apresentação de trabalhos artísticos. É preciso se pensar numa culminância que valorize o trabalho daqueles que fizeram parte do processo. A comunidade escolar poderá ser convidada assim como aqueles que participaram de alguma forma seja através da autorização de entrevistas, liberação de espaços para trabalho de campo, e todos aqueles que

fizeram parte do desenvolvimento do projeto. A culminância depende dos agentes envolvidos e do objetivo do projeto.

Após a culminância é importante que a avaliação novamente faça parte do processo para assim ter uma consolidação da proposta. Realizar auto avaliações e avaliações sobre o grupo de trabalho é possibilitar que o estudante tenha de maneira crítica um estabelecimento de valores e entendimento do que foi construído em todo processo desde a escolha do tema até a culminância.

Discorri ao longo do texto sobre o trabalho na escola através da pedagogia de projetos. Justifiquei sua importância e descrevi procedimentos e objetivos os quais podem ser utilizados no contexto escolar. Ao pensar nisso, o tema relações étnico raciais hoje é extremamente atual e necessário. A partir disso e da minha realidade de trabalho como professora do Ensino Fundamental e com a alteração na LDB 9394/96 pela Lei 10.639 em 09 de janeiro de 2003 que se tornou obrigatório em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio, o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, além da aprovação do Parecer CNE/CP 03/2004<sup>9</sup> e a Resolução CNE/CP 01/2004<sup>10</sup> que regulamentam e instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana, acredito que através da metodologia de projetos é possível efetivar a aplicação das diretrizes e da lei.

O trabalho através da pedagogia de projetos possibilita a escolha de temas que fazem parte de uma demanda social mas que não deixam de lado o currículo formal. As relações étnico raciais além de serem assunto que cada vez mais faz parte das discussões em toda a sociedade, é também, a partir da aprovação da Lei 10.639 parte do currículo obrigatório.

---

<sup>9</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, 2004. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>> Acesso em 27 de set. 2015

<sup>10</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução N.º 1 de 17 de junho de 2004. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em 27 de out. 2015



A introdução de projetos que tenham como objetivo o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na proposta de ensino das escolas se torna essencial. Pensar estratégias que abordem esse assunto hoje não é mais fruto apenas daqueles que acreditavam na causa dos movimentos sociais negros, mas agora é lei.

Pensar na aplicação de pedagogia de projetos na área de Arte entendendo que ela é área de conhecimento é compreender sua capacidade formativa. Através de seu estudo com foco na temática étnico racial é possibilitar aos estudantes uma participação integral em todo o processo. Dentro da metodologia de projetos o estudo de Artes visuais está integrado aos mais variados conhecimentos dentro de uma proposta contextualizada.

Portanto, os Projetos de Trabalho se apresentam não como um método, mas sim, como uma concepção da educação e da escola que leva em conta entre outras coisas, à abertura para os conhecimentos e problemas que circulam fora da sala de aula e que vão além do currículo básico. (PEREIRA, 2004, p.84)

Nas minhas pesquisas em torno de metodologia de projetos e como as relações étnico raciais podem ser trabalhadas na escola me deparei com o projeto de pesquisa de Gabriela Cardoso. Ela apresenta em seu trabalho, diretrizes e fundamentações que considero importantes e que já foram citadas por mim em torno de uma elaboração e aplicação de projetos de trabalho como a proposta abordada por Ana Mae Barbosa, a Proposta Triangular e os estudos de John Dewey. Ela também fala sobre a importância da efetiva aplicação da Lei 10.639 no ensino de Artes Visuais. E em seu projeto apresenta uma proposta para que isso aconteça. Gabriela cria planos de aula baseados no Conteúdo Básico Comum (CBC) de Arte no Ensino Médio<sup>11</sup> recomendado pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

---

<sup>11</sup> Centro Virtual de Referência do Professor. Disponível em <[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&id\\_objeto=68336&tipo=ob&cp=f5e36&cb=&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20-%20CBC&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Arte&b=s](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&id_objeto=68336&tipo=ob&cp=f5e36&cb=&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20-%20CBC&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Arte&b=s)> Acesso em 27 de set. 2015

Gabriela faz uma proposta de estudo de Arte e História para trabalhar a cultura afro-brasileira. Utiliza as obras de Cândido Portinari da década de 1930 onde aparecem figuras negras. No meu caso, escolhi obras que fazem parte de um período de colonização por acreditar que a construção do imaginário do que é o negro e a cultura afro tem suas origens no Brasil a partir da grande influência dos olhares do colonizador sobre o colonizado e sobre a forma de trabalho escravocrata que se estabeleceu no país.

É possível se criar projetos com foco no estudo das relações étnico-raciais utilizando diferentes recortes históricos e arte que de alguma forma possuem informações que remetem aos povos africanos e negros. Mas para que o trabalho seja realmente significativo é importante se considerar a teoria de elaboração e aplicação da pedagogia de projetos se importando com os critérios e organização, antes já citadas na estruturação da proposta.

Tanto na pesquisa de Gabriela quanto na minha existe uma preocupação em compreender como obras de arte podem contribuir na formação ou refletem uma identidade brasileira. Portinari pintava o ser humano apresentando suas características e perfis étnicos, ele tinha interesse em apresentar um caráter social para as figuras que pintava. Ele atribuía a seus personagens características do contexto de vida ao qual estava inserido. Em meu trabalho Rugendas, Debret, Albert Eckhout, artistas europeus que estavam no Brasil no período colonial também pintaram, fizeram gravuras, desenhos da figura humana do negro. Porém, com o olhar europeu sobre o povo colonizado e escravizado.

As obras de Portinari fazem parte da arte moderna no Brasil. Uma das características desse período da arte no Brasil é uma busca por uma identidade para o país. Diferentemente dos artistas europeus que aqui estavam no período colonial que registravam o que observavam a partir dos padrões europeus. Os europeus entendiam que a identidade do país estava sendo formada a partir de sua chegada ao país, desconsiderando o histórico do povo que vivia aqui e dos negros que foram escravizados no país.

Para compreender melhor como é importante o conhecimento em torno das Artes Plásticas, história da arte, e construção de projetos. Vemos como as escolhas de obras de arte de períodos diferentes, que fazem parte de contextos sociais, culturais e econômicos diferentes, apesar de terem o mesmo tema que é a figura do negro na pintura, podem levar a criação de projetos distintos. As reflexões surgirão da conexão entre as Artes visuais e da história. Das possibilidades de discussão em torno do material apresentado, no caso as pinturas.

Podemos comparar por exemplo, uma obra de Portinari, como foi objeto de pesquisa de Gabriela Cardoso (pós-graduada em Ensino de Artes Visuais pela Escola de Belas Artes, UFMG, 2010) e uma obra de Eckhout que faz parte de minha pesquisa. São obras de períodos históricos e culturais diferentes. A construção das duas obras foram feitas em contextos diferentes. Sendo assim as potencialidades de discussão de cada obra terão afinidades com o contexto o qual foram criadas, não impedindo de que sejam feitos paralelos com outros contextos mas que isso não se torne ponto principal do projeto a ser criado pois dessa forma o desenvolvimento e o alcance das metas propostas não serão alcançados.

Pensar no negro dentro do contexto da arte moderna após todos os processos vividos após escravidão, de conquista de espaço de trabalho e constituição de uma cultura brasileira é diferente de se pensar na figura de Eckhout do século XVII que estava inserido no processo de colonização.

Intitulada *Guerreiro Negro*, a obra de Eckhout lembra muito as esculturas gregas clássicas. Ao analisar a forma em que o artista pinta a pose da figura humana. Percebe-se a busca por um equilíbrio. Uma perna é ponto de apoio e o corpo descansa sobre ela. O artista tenta registrar um homem livre, já que possui em sua posse lanças. Percebe-se também uma idealização de guerreiro, assim como eram as construções idealizadas das figuras gregas. Uma das evidências é que não existem registros<sup>12</sup> que Eckhout teria ido à África e sim a partir de relatos, teria realizado a pintura.

---

<sup>12</sup> Anais do Museu Histórico Nacional, volume XX, 1968, página 35. Disponível em <<http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=14266&pesq=>> Acesso em 03 de out. 2015

Já o negro de Portinari *Lavrador de Café* apresenta um trabalhador negro em uma fazenda de café. As dimensões do corpo são retratadas em tamanho maior que o natural. A representação do trabalhador brasileiro é de certa forma dramatizada pela deformação das proporções do corpo de forma intencional.



Figura 2 - Eckhout, Albert. Homem Africano, 1641. Óleo sobre tela, 273.00 x 167.00 cm



Figura 3 – Portinari, Cândido. “Lavrador de Café”, 1934. Óleo sobre tela, 110.00 X 81.00 cm

Pensar na intencionalidade das escolhas de representação da figura humana nessas pinturas pelos artistas que as criaram, já nos faz entender as diferenças destas e como elas fazem parte de contextos diferentes. O artista europeu, Eckhout, com sua historicidade de influência marcante grega e o artista brasileiro, Portinari nascido em São Paulo, Brasil, no início do século XX.

Faço essa comparação porque o projeto a ser criado na Escola precisa ter em sua elaboração, conteúdos que façam parte do currículo regular e pensados e adequados à faixa etária dos estudantes. Dessa forma é preciso pensar o que, como falar e como conduzir uma pesquisa para que sua execução seja possível e não se perca em uma infinidade de assuntos que poderiam ser abordados. É importante então se delimitar temáticas, sem perder a possibilidade de novos caminhos de construção, além de não deixar de atingir os objetivos do projeto.

### **Capítulo III: Proposta pedagógica**

Nesse capítulo apresentarei uma proposta de intervenção pedagógica que possibilitará a inserção do estudo das relações étnico-raciais na escola. É uma sugestão de trabalho, mas que pode servir também como auxílio para elaboração de novas propostas. É um trabalho que mostra como, através do estudo de Arte, é possível trabalhar africanidades no contexto escolar. Serão objeto de estudo dessa propostas as obras de arte produzidas por artistas europeus que estiveram no Brasil no período colonial.

Para que a proposta se concretize é importante se ressaltar como o conhecimento específico sobre a temática e o reconhecimento da possibilidade de trabalhar a lei 10.639 através da Arte é fundamental. É uma proposta que entrelaça teorias da educação, arte/educação e arte.

A utilização das referências citadas nessa monografia também são subsídios de pesquisa e orientação. São escolhas que ampararão o trabalho e que estão ligados aos temas e assuntos relevantes em todo processo.

Outro autor que também considero importante nessa proposta é Alberto Manguel (2001) que, em sua obra, apresenta como podemos traduzir imagens através de estudo e um olhar cuidadoso. Ele expõe através de vários exemplos e reflexões como acredita que acontece o processo de leitura de imagens. No desenvolvimento uma das etapas fundamentais é compreender como a leitura de imagens acontece no fruidor da obra de arte. Pois dessas relações entre imagem e fruidor é que surgem conceitos e pré-conceitos. Meu trabalho tem como um dos objetivos provocar o leitor a pensar até que ponto a leitura de imagens do negro presentes nas pinturas do período colonial no Brasil podem colaborar para a criação de referências e crenças pessoais.

O professor, que será o mediador do processo, precisa ter conhecimentos específicos para conseguir dar as orientações necessárias no desenvolvimento do projeto. Fazer uma análise crítica sobre as obras de arte do período colonial, ter um conhecimento sobre a história, história da arte e da cultura daquele período são importantes. Pensando nos mecanismos de leitura de imagens e na construção de um imaginário em torno da figura do negro, minha pesquisa me levou ao trabalho de Eduardo França Paiva, que possui uma vasta bibliografia na qual grande parte fala sobre a mestiçagem no Brasil, conseqüentemente sobre o negro e sua realidade. Percebi que seus trabalhos possuem uma abordagem crítica e informações minuciosas nas quais, por diversas vezes, o autor utiliza a imagem de arte do período colonial para contribuir em seus estudos sobre a história.

Nessa proposta de intervenção pedagógica, o estudante será levado a pensar sobre o que é fato histórico e sobre o imaginário e a realidade construída em sociedade para que, no processo, ele possa desconstruir pré-conceitos, valorizar o negro, ou mesmo se reconhecer enquanto tal.

Roberto Conduru (2007), estudioso da Arte afro-brasileira também possui reflexões interessantes que nos provocam e que são fonte de estudo para preparar o professor em torno da cultura dos povos africanos negros no Brasil. Conduru faz reflexões sobre a construção cultural do Brasil e as influências africanas e europeias. Ele estuda elementos da cultura africana que são inseridos, adaptados, e que estão

presentes, muitas vezes, devido à resistência dos povos de origem africana em não se apagar suas características.

Em minhas pesquisas em torno de metodologia de projetos e como as relações étnico-raciais podem ser trabalhadas na escola me deparei com o projeto de pesquisa de Cardoso (2010). Ela apresenta, em seu trabalho, diretrizes e fundamentações que considero importantes e que já foram citadas por mim em torno de uma elaboração e aplicação de projetos de trabalho como a proposta abordada por Ana Mae Barbosa, a Proposta Triangular e os estudos de John Dewey. A autora também destaca a importância da efetiva aplicação da Lei 10.639 no ensino de Artes visuais. Gabriela cria planos de aula baseados no Conteúdo Básico Comum (CBC) de Arte<sup>13</sup> no ensino médio recomendado pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

O CBC de Arte para o ensino médio é dividido em cinco eixos temáticos. Gabriela, em seus planos de aula, se baseia no Eixo Temático II, que se refere a “Conhecimento e Expressão em Artes Visuais”. Em minha pesquisa, o público alvo são estudantes do 1º ano do 3º ciclo do ensino fundamental da Escola Municipal Antônio Salles Barbosa, porém se observarmos a linearidade de construção do projeto de Gabriela ao pensar em suas propostas de plano de aula, percebe-se a preocupação em apresentar planos que tenham uma estruturação consistente dentro dos objetivos propostos para o ensino médio em todo o Estado de Minas Gerais, uma proposta que apresenta conhecimentos, habilidades e competências a serem conquistados pelos estudantes da educação básica.

No caso de minha pesquisa, como minha proposta será destinada ao ensino fundamental, se basearmos pela proposta curricular estadual de Arte referente aos anos finais do ensino fundamental que se referem do 6º ao 9º ano teremos os seguintes objetivos que são descritos no CBC:

- Reconhecer a arte como área de conhecimento autêntico e autônomo, respeitando o contexto sociocultural em que está inserida.

---

<sup>13</sup> Centro Virtual de Referência do Professor. Disponível em <[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&id\\_objeto=68336&tipo=ob&cp=f5e36&cb=&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20%20CBC&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Arte&b=s](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&id_objeto=68336&tipo=ob&cp=f5e36&cb=&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20%20CBC&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Arte&b=s)> Acesso em 20 de outubro de 2015.

- Apreciar a arte nas suas diversas formas de manifestação, considerando-a elemento fundamental da estrutura da sociedade.
- Compreender a arte no processo histórico, como fundamento da memória cultural, importante na formação do cidadão, agente integrante e participativo nesses processos.
- Proporcionar vivências significativas em arte, para que o aluno possa realizar produções individuais e coletivas.
- Conhecer e saber utilizar os diferentes procedimentos de arte, desenvolvendo uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal, relacionando a própria produção com a de outros.
- Respeitar as diversas manifestações artísticas em suas múltiplas funções, identificando, relacionando e compreendendo a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas.
- Conhecer, respeitar e poder observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos de diferentes grupos culturais.
- Conhecer a área de abrangência profissional da arte, considerando as diferentes áreas de atuação e características de trabalho inerentes a cada uma.

Ao pesquisar outro documento criado para a elaboração dos currículos de ensino de Arte, temos os PCNS<sup>14</sup>, Parâmetros Curriculares Nacionais. É ele que dá as diretrizes em nível nacional para o ensino de Arte.

De acordo com os PCNS, o ensino de Arte deve organizar-se de modo que os alunos sejam capazes de atingir os seguintes objetivos gerais:

- Expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções;
- compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos;

---

<sup>14</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2015.



- observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível;
- compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista;
- buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.

Como o público alvo para a aplicação dessa proposta serão alunos da Rede Municipal de Belo Horizonte, do 3º Ciclo do Ensino Fundamental, que são os anos finais do Ensino Fundamental, é também essencial a utilização das Proposições Curriculares para o Ensino de Arte<sup>15</sup> do município. As Proposições trabalham com capacidades e habilidades a serem alcançadas. O estudo da Arte segundo as Proposições deve abranger as Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Sendo assim o professor também encontrará nesse documento, objetivos que servirão de apoio para organização de seu trabalho. A seguir listo as capacidades e habilidades específicas para o 3º ciclo referentes às Artes Visuais, já que a proposta de trabalho que apresento se refere a esse campo da Arte.

1. Analisar obras de arte.
2. Desenvolver o pensamento reflexivo sobre o fazer artístico próprio e de outros autores.
3. Identificar os elementos estruturais e intelectuais da produção artística.
4. Identificar e aplicar técnicas do fazer artístico.
5. Elaborar e sistematizar registros das experiências com formas visuais.
6. Refletir sobre sua expressão artística.
7. Valorizar a Arte em suas diversas manifestações.
8. Compreender e saber identificar a Arte como fator histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos.

---

<sup>15</sup> Disponível em <  
<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=arte.pdf>>

9. Definir posicionamentos pessoais em relação a artistas, obras e meios de divulgação das artes.
10. Identificar criadores em Artes Visuais como agentes sociais de diferentes épocas e culturas.
11. Elaborar, criar e/ou recriar objetos artísticos.
12. Elaborar portfólio tátil ou virtual.
13. Expressar-se adequadamente em Artes Visuais, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas.
14. Formar critérios para selecionar produções artísticas mediante o desenvolvimento de padrões pessoais.

Apresentados os objetivos do estudo de Arte no ensino fundamental nos PCNS, CBC de Arte e Proposições Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte no 3º Ciclo, apresento agora o que a lei 10639 tem como meta fundamental. No art.1º da lei, ela fala sobre alteração da lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), acrescentando os artigos 26-A, 79-A e 79-B. No Art. 26-A, a lei afirma sobre a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

No parágrafo 1º ela determina que o estudo deverá contemplar a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Já no parágrafo 2º a lei fala sobre a abrangência desse estudo, determina que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Os objetivos apresentados nos PCNS, CBC de Arte para o ensino fundamental, Proposições Curriculares para o ensino de Arte do ensino fundamental da Rede Municipal de Belo Horizonte no 3º Ciclo e na lei 10639, serão norteadores presentes na proposta de trabalho elaborada por mim a ser aplicado no ambiente escolar. A

partir desses objetivos elaborei um projeto de trabalho onde as questões relacionadas ao ensino de Arte e a aplicação da Lei 10.639 estão integrados.

### **Temática**

A representação do negro nas obras de arte produzidas no Brasil no período colonial pelos artistas europeus.

### **Público Alvo**

O projeto tem como público alvo os estudantes do 1º ano do 3º ciclo do ensino fundamental da Escola Municipal Antônio Salles Barbosa. Os adolescentes desse ano do ciclo possuem entre doze e quatorze anos de idade. São indivíduos que possuem uma realidade social e cultural próprias. São estudantes que moram em sua grande maioria em uma região do Barreiro, na cidade de Belo Horizonte que possui muitas vezes problemas relacionados à violência e pobreza.

São adolescentes influenciados pelos fatores sociais e culturais em sua formação como sujeitos em sua totalidade. É uma fase de desenvolvimento que tem como características muitas transformações e instabilidade. Os jovens dessa idade estão numa fase de transição, onde pretendem ir além da infância e caminhar para uma idade adulta.

Nessa busca por uma identidade, o jovem percebe as mudanças de seu corpo físico e emocional, se questiona sobre o seu lugar no mundo e como se enxergam diante a sociedade. Nessa procura por uma identidade e observação dos sujeitos que integram a sociedade como um todo, existe a possibilidade da criação de conceitos e preconceitos e a não aceitação pelas diferenças. Supervalorizando o que acreditam ser melhor e verdadeiro diante da realidade que vivem.

Existe nessa faixa etária um interesse em formação de grupos e um encontro por afinidades entre os jovens que pensam em suas identidades. E esse projeto que

proponho é uma forma de se buscar uma identidade desse adolescente promovendo o respeito e a valorização das diferenças.

## **Duração**

Esse projeto foi pensado para ser realizado em nove aulas de uma hora cada. Sendo que os assuntos e aprendizados da proposta permearão todos os outros temas abordados durante o ano letivo, possibilitando que o estudante faça conexões entre os aprendizados.

## **Justificativa**

A Arte é área de conhecimento e através de seu estudo, no caso especificamente o estudo das obras produzidas no Brasil no período colonial por europeus, é possível se ter uma base para uma reflexão crítica sobre a construção da sociedade brasileira.

Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.23)

Além de tudo isso, a arte é componente curricular obrigatório na educação básica. A Lei 12.287<sup>16</sup>, de 13 de julho de 2010 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, tendo como redação: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

A obrigatoriedade da aplicação da Lei 10639 é também algo que legitima a necessidade já percebida por mim como professora do ensino fundamental ao observar as relações dentro e fora do espaço escolar. O assunto racismo muitas

---

<sup>16</sup> Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12287-13-julho-2010-607263-norma-pl.html>> Acesso em 9 de outubro de 2015.

vezes é abafado pelo silêncio, e em frequentemente de forma oculta ou não, aparece dentro do contexto escolar. Deve-se considerar que muitas vezes as práticas presentes na sociedade estão carregadas de seus valores morais, valores esses que podem refletir preconceito e discriminação racial.

Daí a importância de ter a temática desse projeto em pauta para que as relações de respeito entre os sujeitos seja sedimentada, que a diferença não seja vista de forma hierarquizada para que não exista uma divisão racial pautada no preconceito.

O racismo é uma abordagem ligada, lógica e ideologicamente, à ideia de raça. A ideologia do racismo divide a humanidade em grupos raciais com traços físicos hereditários comuns, os quais determinam as características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas dentro de uma escala de valores desiguais. O Brasil se caracteriza por um racismo de fato, implícito e sutil. [...] O mito da democracia racial bloqueou durante muitos anos, o debate nacional sobre o racismo e a necessidade das políticas afirmativas para a promoção da igualdade. [...] Desse modo, o racismo persiste na sociedade brasileira por meio de ideias pré-concebidas, práticas discriminatórias e políticas públicas que reproduzem ou ignoram situações de extrema marginalização econômica e de exclusão social de negros e indígenas, perpetuando profundas desigualdades comparativamente aos brancos (NEVES, 2008, p. 19-22).

## **Objetivos**

- Efetivar a aplicação da Lei 10639 na Escola.
- Estudar a cultura negra no período colonial e relações étnico raciais.
- Promover o respeito à diferença e valorização da cultura africana e dos povos afrodescendentes.
- Valorizar a pessoa negra e sua história.
- Estudar Arte, história da arte.
- Desenvolver o olhar sobre a apreciação de obras de arte e realizar leitura de imagens de Arte produzida no período colonial.

- Possibilitar aos alunos conhecer a produção artística produzida por artistas europeus que estiveram no Brasil do século XVII ao século XIX.
- Possibilitar reflexões que levem o aluno a perceber o imaginário dos europeus diante do país colonizado e como isso influenciou diretamente na produção de suas obras.
- Desenvolver o senso crítico.
- Analisar conceitos, desconstruir preconceitos e reelaborar significados.
- Realizar uma prática de investigação e pesquisa tendo a Arte como base das reflexões.
- Conhecer a história da construção da identidade brasileira e como foi constituída a sociedade até chegar à realidade presente nos dias atuais.
- Provocar reflexões em torno da identidade individual dos alunos e seu papel no grupo, comunidade escolar e sociedade como um todo.

## **Desenvolvimento**

Segundo Hernández (1998), é importante compreender que antes da aplicação do projeto é preciso se ter uma consciência sobre a sua necessidade de aplicação diante da realidade escolar. A partir daí serão organizadas as atividades para que seja possível sua aplicação.

O ponto de partida é a problematização, ou seja, é possibilitar um momento onde os alunos expressem suas opiniões, ideias e conhecimentos em torno da temática. O professor mediador, nesse momento, precisa ter um olhar atento para entender quais são os interesses e quais defasagens sobre os assuntos que serão abordados. Compreender também a comunidade e realidade de vida em que os alunos estão inseridos é interessante, pois a escola não é e não deve ser um espaço

isolado da sociedade. Nesse momento, o professor também pode questionar aos alunos sobre quais são suas expectativas sobre o estudo da temática, o que gostariam de aprender, assuntos que estão relacionados que tenham curiosidade e interesse.

A partir desse diagnóstico sobre a turma as atividades serão organizadas e o professor terá o papel de mediador para inserir nas discussões e trabalhos o que surgiu nesse momento de problematização. No desenvolvimento do projeto serão aplicadas estratégias para atender a necessidade do grupo de trabalho.

No decorrer do projeto serão criadas oportunidades para que os estudantes confrontem suas opiniões e a partir das discussões eles reavaliem suas ideias e construam novos conceitos. Que as verdades que trouxeram para sala de aula sejam questionadas e que o respeito pela opinião do outro seja sempre valorizada e respeitada. Tentar criar fundamentações para suas ideias é muito importante para elaborar novas concepções.

## **Aula 1**

O professor dará as orientações ao grupo explicitando sobre a aplicação do projeto e tornando os estudantes parte da construção deste. Será mostrada aos estudantes a importância de cada estudante para o trabalho como um todo.

A seguir listo alguns dos objetivos.

Fazer o estudante se sentir parte integrante do processo, mostrando que ele será estudante, pesquisador e poderá também ser fonte de conhecimento para todo o grupo.

Apresentar aos alunos a Lei 10.639/03 para terem ciência da obrigatoriedade do estudo da História da África, dos afrodescendentes e indígenas, e relações étnico raciais.

O professor irá questionar aos alunos sobre o que eles conhecem sobre Arte brasileira e sobre a Arte produzida no Brasil no período colonial. Sobre qual é a ideia que eles possuem do Brasil naquele período e de como eram os povos que viviam aqui e como aconteceu a construção da sociedade brasileira.

Lembro que a todo momento durante as mediações do professor, questões podem surgir que antes não eram esperadas. O Professor precisa ter sensibilidade, conhecimento, e bom manejo de turma para conseguir inserir e utilizar dessas questões como fonte de aprendizagem para o grupo.

Será pedido aos estudantes que façam uma entrevista em grupo de cerca de três alunos a três pessoas da comunidade que moram sobre os conhecimentos sobre a cultura africana e escravidão. As perguntas serão construídas juntamente com o grupo, mas dentre as perguntas criadas deverá ser perguntado também:

Qual é a sua cor de pele?

Você conhece alguma história em sua vivência que mostra de alguma forma a discriminação racial?

Você conhece alguma história presente em sua família sobre escravidão?

O que é a África? O que você conhece sobre os povos africanos?

## **Aula 2**

As respostas colhidas nas entrevistas serão colocadas em discussão em uma roda de conversa. Os estudantes contarão sobre as experiências e o que aprenderam.

## **Aula 3**

O professor apresentará aos estudantes a África em sua diversidade cultural. Será mostrada aos estudantes a arte, as diversas religiões, como se constitui o continente africano, países, climas, a política, a história da África.



Será pedido aos alunos que façam uma coleção de imagens, reportagens e informações em torno do continente africano. E façam uma pasta para organizá-las. Essa pasta será apresentada na culminância do projeto.

Nessa pasta também deverá ter um Glossário. O Glossário deverá conter conceitos e definições de palavras das Artes visuais e da cultura Africana. Poderá ter também palavras que surgirem no decorrer do processo que o estudante achar interessante inserir.

A entrevista realizada também deve fazer parte da pasta elaborada.

#### **Aula 4**

Perguntar aos alunos sobre os seus conhecimentos em torno da escravidão. Como aconteceu? Quanto tempo durou? De quais regiões da África vieram escravos para o Brasil? Se eles imaginam quantos negros foram trazidos ao Brasil em cativo? Depois disso, o professor confrontará as respostas com os dados históricos.

O professor apresentará aos estudantes como foi a construção da sociedade brasileira no período colonial. Contará como aconteceu o tráfico negreiro para o Brasil, a história de resistência dos povos africanos para que não fossem sequestrados da África para o Brasil e para que não acontecesse a destruição de sua cultura. Para isso, contaremos com as seguintes referências: Souza (2008), dados estimados pelo IBGE neste período, entre outros.

O professor irá falar sobre os europeus que chegaram ao Brasil e quais eram os objetivos desses estrangeiros no país no período colonial. Mostrar como a arte produzida por eles tinha em grande maioria um caráter documental e de divulgação do Brasil. Que o trabalho realizado por esses artistas era resultado do imaginário, observação desses estrangeiros e às experiências estéticas e de construção artística deles, o que levava muitas vezes a construções exóticas e pitorescas.

Também irá explicar aos alunos que os artistas possuem diferentes meios para se expressarem artisticamente e que um desses meios são as gravuras. Falar sobre

Gravuras. Apresentar o conceito de Gravura. Tipos de Gravura (Xilogravura, Gravura em Metal, Serigrafia, Litografia). E mostrar ao longo do trabalho que no período colonial, artistas utilizaram a gravura.

## **Aulas 5 e 6**

Na mediação do trabalho, o contexto histórico e artístico serão abordados. Enquanto é realizado o trabalho em torno da leitura de imagens as intervenções serão realizadas para integrar os conhecimentos.

Serão apresentados aos estudantes artistas europeus que estiveram no Brasil no período colonial e suas obras que apresentam a figura do negro. Os alunos serão levados a pensar com a mediação do professor sobre a realidade vivida pelos povos africanos no Brasil e a realidade mostrada nas obras. Serão realizadas leituras de imagens.

Deverão ser estudados nesse momento a teoria da cor, aspectos estruturais da composição como, ponto, linha e plano, perspectiva, luz e sombra, espaço, ritmo, movimento.

A seguir apresento as obras que serão trabalhadas em sala de aula, sendo que isso não impede a introdução de novas obras caso seja necessário de acordo com o andamento das aulas.

## Imagens

### Johann Moritz Rugendas

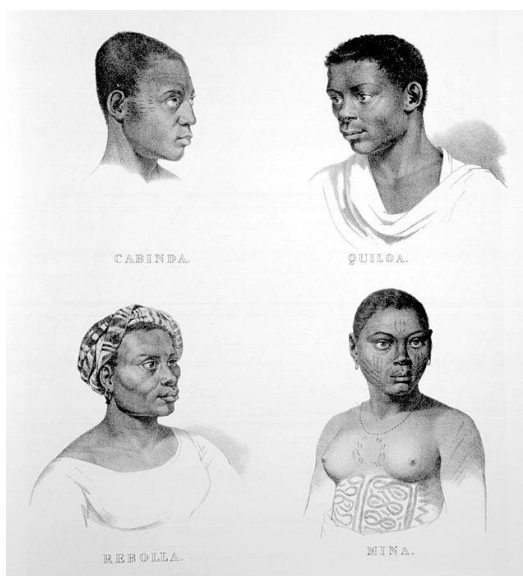


Figura 4 - Rugendas, Johann Moritz. Escravos provenientes de Cabinda, Quiloa, Robolla e Mina.  
1835. Litografia.

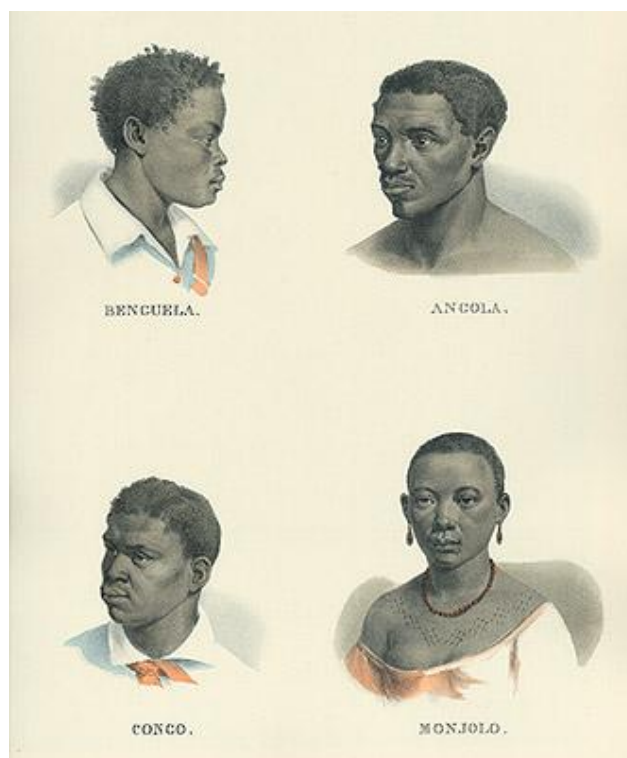


Figura 5 - Rugendas, Johann Moritz. Escravos provenientes de Benguela, Angola, Congo e Monjolo.  
1835. Litografia.

Rugendas apresenta em suas litografias<sup>17</sup> características físicas e culturais. Nesse trabalho o negro não é apresentado em sua função social ou hierarquizado. O artista parece mais querer apresentar os “tipos” negros do que seu papel na sociedade. Rugendas se preocupa em mostrar as fisionomias dos negros.

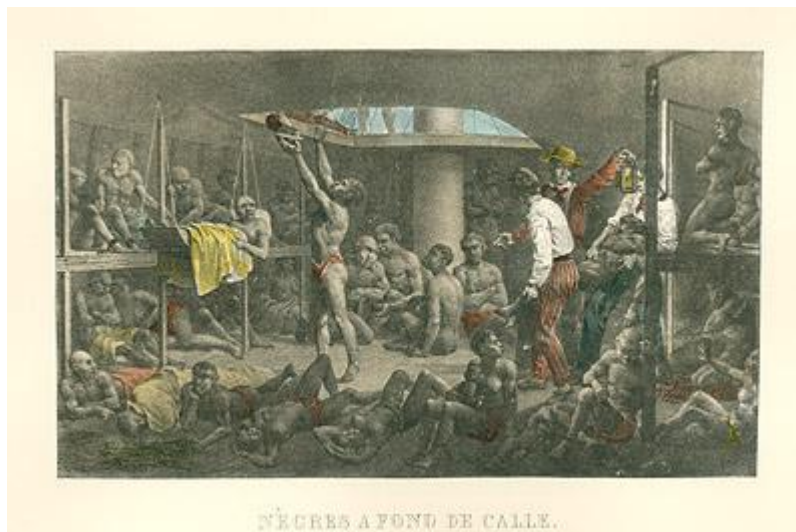


Figura 6 - Rugendas, Johann Moritz. Navio negreiro. 1835. Litografia colorida a mão.

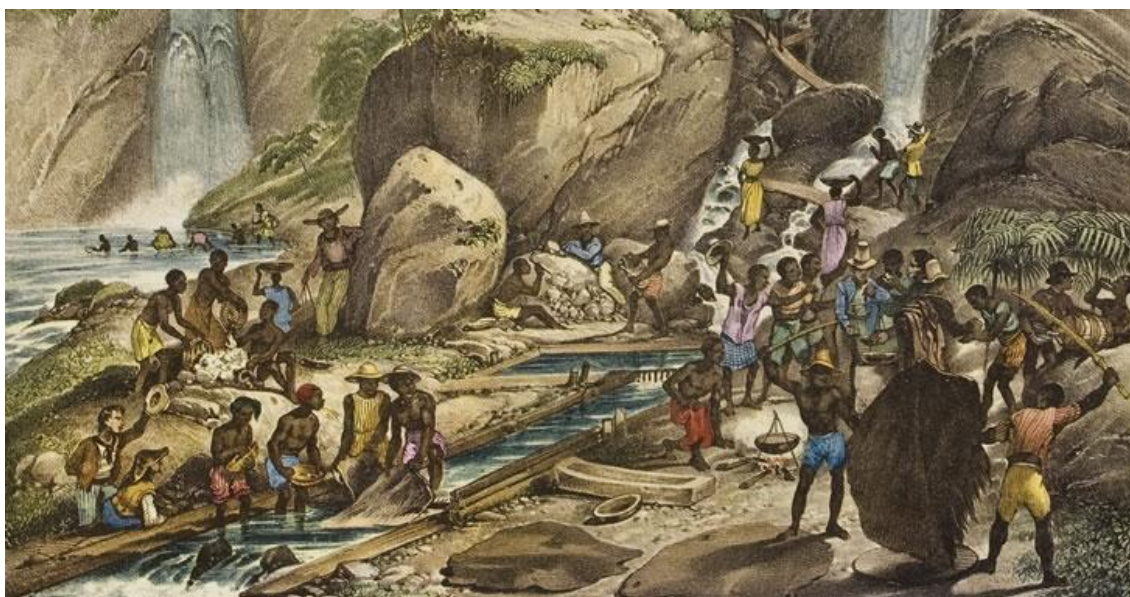


Figura 7 - Rugendas, Johann Moritz. Lavagem de ouro em Itacolomi. 1827. Litografia.

<sup>17</sup> A litografia é um dos tipos de gravura, é uma técnica de impressão. Segundo Lago, “no processo da litografia desenha-se sobre uma pedra calcária, lisa e porosa a imagem desejada com instrumentos apropriados, como lápis e pincéis especiais. Para a impressão, coloca-se a folha de papel sobre a pedra úmida e preparada e usa-se a prensa para obter a estampa. O artista executa geralmente o desenho preparatório num papel transparente de decalque, que tem a vantagem de permitir-lhe reproduzir sua imagem original, sem precisar invertê-la”. LAGO, Pedro Corrêa do. *A viagem pitoresca de Debret*. In: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa do. *Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2009. p. 59.

Segundo Alisson Eugênio (2015) na mineração o negro trabalhou em condições de vida precárias. Trabalhavam por muitas horas e era obrigado a trabalhar em condições desumanas. Além da violência ele trabalhava o dia inteiro em ambientes úmidos, muitas vezes frios e de difícil acesso. Por muitas vezes morriam soterrados. Geralmente os negros que trabalhavam na mineração morriam por complicações em sua saúde. Alisson aponta estudos de José João Reis e Eduardo Silva (1989) que relatam a possibilidade de obtenção de lucro no trabalho de mineração consequência de suas conquistas e também cita Eduardo França Paiva (1996) que afirma que “quando os limites da exploração do seu trabalho eram ultrapassados, havia chances consideráveis de os escravos reagirem das mais variadas formas, incluindo a formação de quilombos”:

...era possível os escravizados imporem alguns limites para sua exploração em determinadas circunstâncias e, conseqüentemente, obter algumas conquistas, como a possibilidade de vender, quando conseguissem, excedentes de produtos por eles cultivados em horas de folga do cativeiro (Reis, Silva, 1989, p.30).

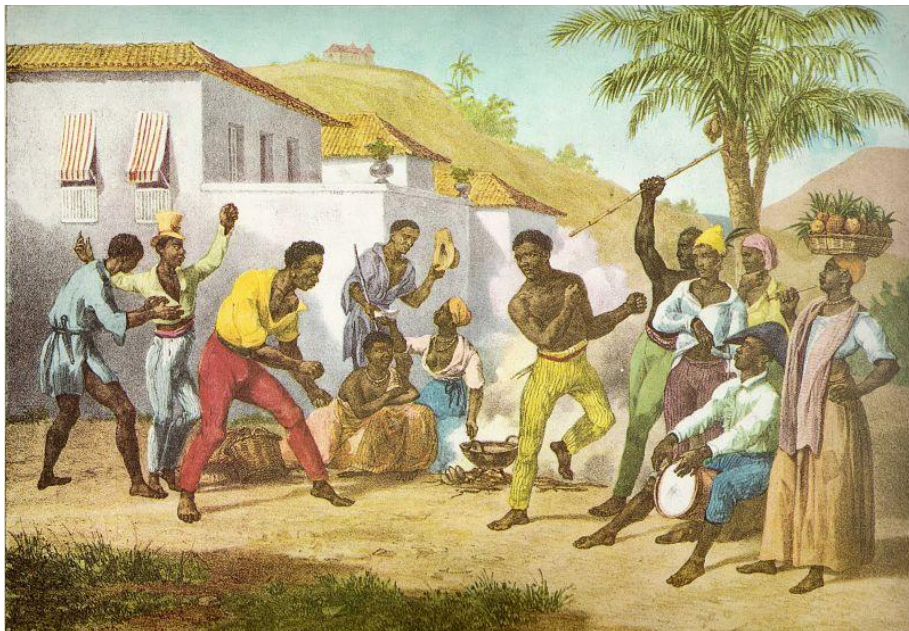


Figura 8 - Rugendas, Johann Moritz. Capoeira, 1835. Litografia



Figura 9 - Rugendas, Johann Moritz. Festa de Nossa Senhora do Rosário, 1835. Litografia.

Segundo José Pereira de Souza Junior (2008) a devoção a Nossa Senhora do Rosário acontecia por varias regiões do país e tinha a participação de negros de vários extratos sociais, como o forro e o escravo.

Essas associações, além das atividades religiosas que se manifestavam na organização de procissões, festas, coroação de reis e rainhas, também exerciam atribuições de caráter social como: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maus-tratos de seus senhores e ajuda para a compra da carta de alforria. No entanto, uma das atribuições mais lembradas nos capítulos dos estatutos ou compromissos das irmandades refere-se à garantia de um enterro para os escravos, frequentemente abandonados por seus senhores nas portas das igrejas ou nas praias para que fossem levados pela maré da tarde. (SOUZA, 2008)



Figura 10 - Rugendas, Johann Moritz. Congado. 1835. Litografia.

Marina de Mello e Souza (2006) afirma que o congado foi uma das formas de sincretismo religioso no período colonial. Onde a religiosidade da África se juntou à religiosidade do colonizador.

Essas cerimônias (eleições de reis negros no Brasil escravista) ricas em significados difíceis de serem desvendados, de uma complexidade que passou despercebida à maioria dos seus observadores e estudiosos e resulta do encontro entre portugueses e africanos no contexto das relações escravistas. A aceitação do catolicismo pelos negros não foi total e imediata, mas podemos dizer que houve uma fusão entre os rituais africanos e a religião católica. (SOUZA, 2006, p.67)

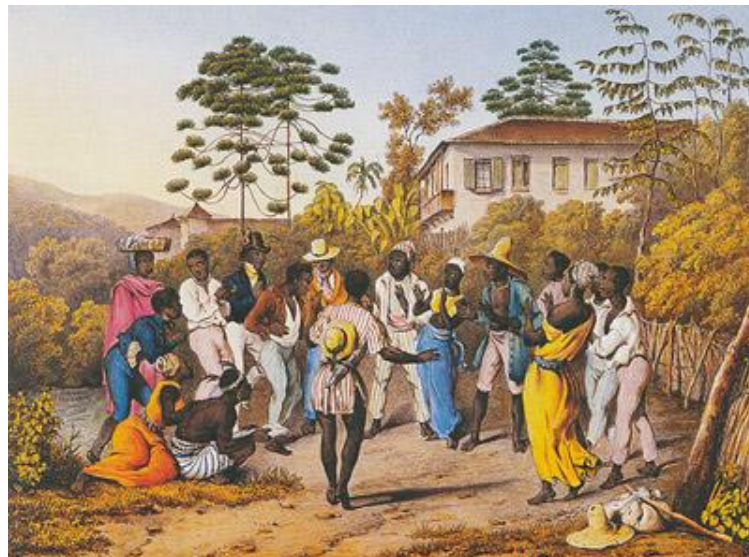


Figura 11 - Rugendas, Johann Moritz. Batuque. 1835. Litografia colorida

Debret mostrava em suas obras sua visão do Brasil. Percebe-se que ele apresenta as várias etnias presentes no país e seu cotidiano.



Figura 12 - DEBRET, Jean Baptiste. Mercado de Escravos no Rio de Janeiro. Aquarela sobre papel. 1916-1818.

Na obra acima, Debret faz uma litografia que mostra um mercado de escravos. Escravos estes que sobreviviam às precárias condições que eram submetidos às longas viagens. Lembrando que depois de desembarcarem nos portos, grande parte dos escravos tinha que caminhar por longos caminhos até a região de seu destino nos interiores do Brasil. Nesse caminho eram acorrentados, caminhavam descalços e escoltados.

Era também no mercado de escravos que os negros recebiam tratamento para recuperarem sua saúde para ter uma aparência melhor para assim aumentar seu valor no mercado.

Os traficantes sempre traziam alguns escravos a mais, em número superior as encomendas para serem vendidos nas feiras ou leilões. Desembarcavam quase sem roupas, com apenas uma faixa de tecido cobrindo uma parte do corpo. Os cabelos e a barba eram cortados, determinava-se que tomassem um banho, recebiam algumas toscas roupas de tecido grosseiro, para que melhorassem a aparência e pudessem alcançar um maior preço no Mercado. Este era um imenso rancho, semelhante a uma cocheira. Os que apresentavam um quadro de debilidade em virtude de doenças adquiridas no transporte eram isolados e recebiam cuidados, para



mais tarde, serem oferecidos aos compradores. (BATISTA; CARVALHO, 2009)



Figura 13 - DEBRET, Jean Baptiste. Um jantar brasileiro. 1827. Aquarela sobre papel.

Na obra *Um jantar brasileiro* Debret pinta uma família do século XIX. Na mesa estão um casal. Em pé uma escrava negra abana a senhora que dá um alimento a uma das crianças que se encontram no primeiro plano da pintura. Além da escrava negra em pé, outros dois negros observam esperando as ordens de seus senhores.

Debret não deixa de mostrar os maus tratos que o negro recebia. Mostra a forma de lidar com o povo escravizado e a presença policial que vigia e cerca os negros de qualquer reação

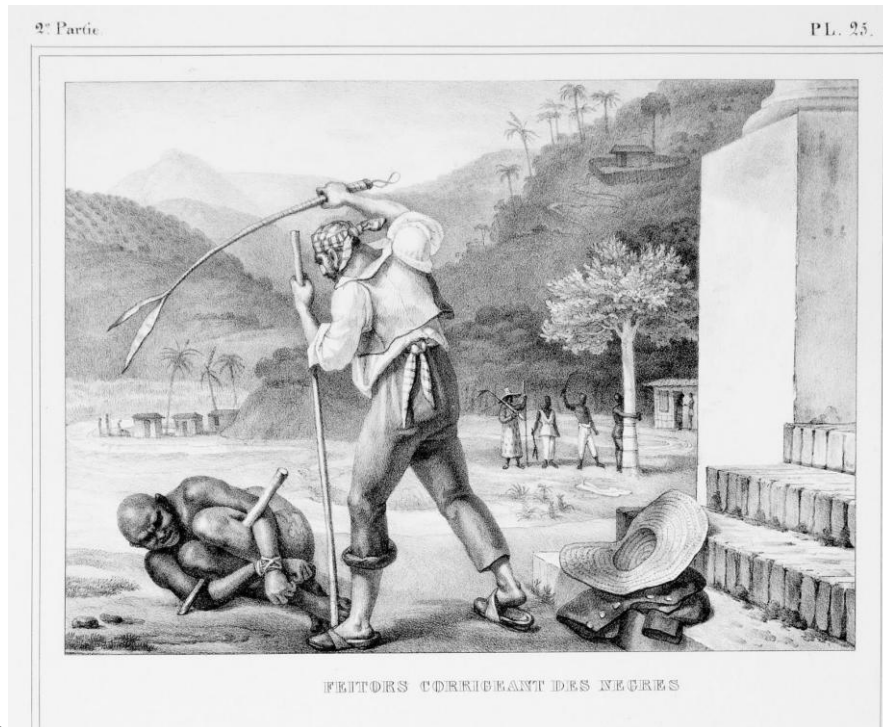


Figura 14 - DEBRET, Jean Baptiste. Feitor Corrigindo Escravo. 1828. Litografia.

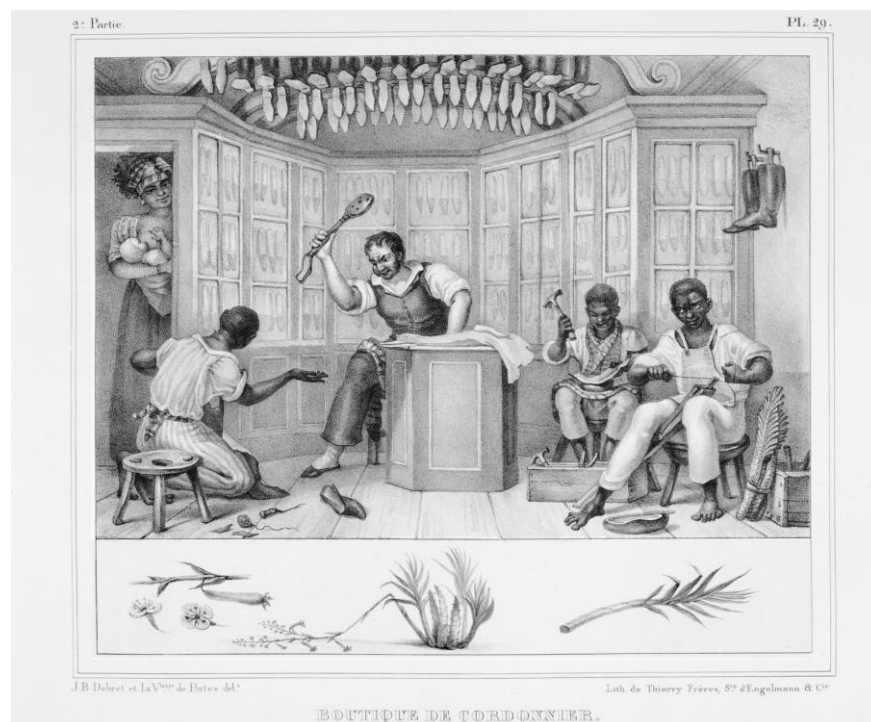


Figura 15 - DEBRET, Jean Baptiste. Sapataria. 1835. Litografia.

Apesar do título da obra ser sapataria, mais uma das formas de punição dada aos negros é representada, a Palmatória. Observa-se na obra acima como os outros escravos assistem a cena com expressões sem reação, a negra no canto do quadro

chega a sorrir. Conhecendo a história real desses povos negros no Brasil, sabemos que não foi essa realidade que existia no país.

Outros autores também serão trabalhados, como Albert van der Eckhout e Thomas Ender.

## **Aula 7**

Nas aulas 7 e 8, os alunos serão levados a criação e construir imagens.

Os alunos receberão cópias impressas das obras estudadas e serão orientados a desenhar novas expressões de rosto a partir de sua imaginação de como teriam sido realmente a expressão dos rostos dos negros que resistiam e que não aceitavam as violências que estavam submetidos. Esses rostos serão feitos em folha branca e serão colados sobre os rostos de reproduções das obras estudadas que mostram cenas de violência contra os negros.

## **Aula 8**

Depois de terem compreendido o que é gravura os alunos realizarão um trabalho de impressão utilizando materiais alternativos. No caso será feito uma prancha de impressão utilizando papelão e EVA. Sobre o EVA será feito um desenho que represente algum aspecto da cultura africana estudado. O aluno recortará esse desenho deixando que as linhas do desenho permaneçam no recorte. E os espaços em branco imaginados serão desprezados. O aluno colará o EVA no papelão e utilizando tinta guache e um rolinho, passará a tinta sobre o relevo criado, colocará a prancha sobre o papel e realizará uma leve pressão sobre toda a superfície de forma uniforme. O papelão com o EVA colado deverá ser retirado e a impressão estará concluída.

## **Aula 9**

Após secarem os trabalhos, eles serão apresentados de forma individual. Os alunos contarão sobre as duas experiências artísticas. A primeira em que foi trabalhado o desenho de figura humana, o retrato, expressões fisionômicas. E a segunda, a gravura com a temática cultura africana.

Será feita uma avaliação coletivamente sobre o trabalho desenvolvido e outra avaliação escrita individual onde o aluno vai redigir o seu desenvolvimento e participação no trabalho.

### **Recursos**

#### *Data Show*

Imagens de obras de arte do período colonial montadas em *Power Point*. Tabelas do IBGE em *Power Point* sobre as estatísticas de povoamento no Brasil.

Imagens ilustrativas sobre a cultura africana.

Cópias impressas das obras trabalhadas.

Folhas de papel ofício tamanho A4.

Lápis de cor. (15 caixas de lápis de cor com 24 cores)

Cola branca (20 unidades de 200 ml)

Papel Paraná 80X100cm. (30X20 para cada aluno).

EVA (30X20 cm para cada aluno)

Tinta guache na cor preta (5 potes de 250 ml para cada grupo de 30 alunos)

Cartolina branca (30X20 cm para cada aluno)

### **Culminância**

A culminância do projeto se dará com uma exposição dos trabalhos realizados pelos estudantes. Serão apresentadas as imagens produzidas e as pastas montadas. Nesse momento será convidada a comunidade escolar e aqueles que fizeram parte da realização do projeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa monografia foi apresentar como o estudo de Artes Visuais no ambiente escolar, especificamente o estudo das obras de arte produzidas por artistas europeus do século XVI ao século XIX, período colonial no Brasil, através da metodologia de projetos possibilita a aplicação da Lei 10.639/03.

Foi apresentada uma proposta de trabalho em que os estudantes possam refletir sobre a construção da sociedade brasileira. Um trabalho em que a realidade antes conhecida dos estudantes seja colocada em confronto com novas informações, novas ideias, novos conceitos, para que assim o próprio aluno dentro do processo, individualmente e juntamente com sua turma possa tirar novas conclusões.

Inserir a Lei 10.639 na escola, para adolescentes do 3º ciclo do ensino fundamental, é um desafio, pois os estudantes chegam à escola já com uma vivência e valores que são construídos pela família, e meios em que vivem. Sabe-se ainda que nos dias de hoje o racismo e o preconceito ainda estão fortemente presentes em nossa sociedade o que leva à discriminação e o desrespeito às diferenças. Criar um diálogo com esses adolescentes que levem ao respeito pela diversidade nos dias de hoje é fundamental.

Conhecer a arte do período colonial em que o negro é representado de forma contextualizada e fazer análises críticas sobre ela é também trazer para a sala de aula os conhecimentos sobre a cultura dos povos africanos e sua história. Não é possível contextualizar sem conhecer. E a proposta de trabalho apresentada mostra a importância de se conhecer o olhar do europeu e a realidade histórica do período de produção das obras.

A construção de um plano político pedagógico para a escola precisa contemplar as várias áreas do conhecimento e a necessidade do público atendido. A metodologia de projetos é um caminho para alcançar os objetivos apresentados no plano político pedagógico. É uma proposta que pode englobar os conteúdos que fazem parte dos

currículos estabelecidos em nível nacional, estadual e municipal, ao mesmo tempo em que, pode possuir temas que surjam da realidade do grupo de trabalho.

Esse trabalho reconhece a importância artística e histórica das imagens produzidas no período colonial e provocar uma análise crítica sobre elas. Reconhecer o valor dessas obras para se compreender o passado, mas compreender também como são os processos de construção desses trabalhos artísticos. As influências do meio para a elaboração daquela arte. Dessa forma, ter uma noção mais real do que realmente foi o processo de escravidão. Além de apreender artes plásticas a partir da análise das obras, reflexões e produções daquele período.

Estudar as representações dos negros na arte do período colonial de forma contextualizada é possibilitar uma nova leitura de mundo. Saber reconhecer e diferenciar a história construída do negro e a história real do negro no Brasil é meio para a superação de estereótipos e valorização dos povos africanos que chegaram no Brasil de maneira imposta.

A obrigatoriedade da aplicação da Lei 10.639/03 que fala sobre o estudo da História da África e da Cultura Afro-brasileira em todos os níveis de ensino mostra a importância de se pensar o currículo e as formas de ensino/aprendizagem na realidade que vive a sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

AMBRIZZI, Miguel Luiz. **O olhar distante e o próximo - a produção dos artistas-viajantes**. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes\\_mla2.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla2.htm)

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo, Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mãe (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BATISTA, Luiza Helena Candida da Silva; CARVALHO, Simone Aparecida de. **A Trajetória do Negro no Brasil e a Importância da Cultura Afro**. Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre, 2009.

BELLUZZO, Ana Maria de M. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 20 julho 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, de 10 de janeiro de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em 20 de julho de 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução N.º 1 de 17 de junho de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**, 2004. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>> Acesso em 20 de julho 2015.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru, Edusc, 2004.

CARDOSO, Gabriela. **Pinturas negras de Cândido Portinari na década de 30: possibilidades para o ensino de Artes Visuais e da história e da cultura Afro-Brasileira**. Monografia apresentada. Especialização Em Ensino de Artes Visuais, 2010.

CONDURU, Roberto. **Arte afro-brasileira**. Orientações Pedagógicas de Lucia Gouvêa Pimentel e Alexandrino Ducarmo. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

DEBRET, Jean Baptiste. **Aplicação do castigo do açoite**. 1820-1830. Litografia. Disponível em <[http://henrigomes.blogspot.com.br/2011\\_11\\_01\\_archive.html](http://henrigomes.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html)>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

DEBRET, Jean Baptiste. **Feitor Corrigindo Escravo**. 1828. Litografia. Disponível em [http://henrigomes.blogspot.com.br/2011\\_11\\_01\\_archive.html](http://henrigomes.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html). Acesso em 27 de outubro de 2015.

DEBRET, Jean Baptiste. **Mercado de Escravos no Rio de Janeiro**. Aquarela sobre papel. 1916-1818. Disponível em <<http://uranohistoria.blogspot.com.br/2012/01/escavacoes-na-zona-portuaria-do-rio-de.html> > Acesso em 27 de outubro de 2015.

DEBRET, Jean Baptiste. **Sapataria**. 1835. Litografia. Disponível em <[http://henrigomes.blogspot.com.br/2011\\_11\\_01\\_archive.html](http://henrigomes.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html)>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

DEBRET, Jean Baptiste. **Um jantar brasileiro**. 1827. Aquarela sobre papel. Disponível em <[http://www.dezenovevinte.net/artistas/debret\\_02.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/debret_02.htm)> Acesso em 22 de maio de 2015.

DEWEY, Jonh. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

ECKHOUT, Albert. **Homem Africano**, 1641. Óleo sobre tela, 273.00 x 167.00 cm. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10299/albert-eckhout>> Acesso em 05 de out. 2015.

EUGÊNIO, Alisson. História, Ciência, Saúde - Manguinhos vol.22 no.3 Rio de Janeiro jul./set. 2015. **Relatos de Luís Gomes Ferreira sobre a saúde dos escravos na obra Erário mineral (1735)**. Disponível em <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702015000300881&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000300881&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> . Acesso em 15 de novembro de 2015.

HERNÁNDEZ, F; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. **O que é Imaginário**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5.ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MACEDO, Sérgio D. T. **Crônica do Negro no Brasil**. Record: Rio de Janeiro, 1974.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. Companhia da Letras, 2001.



MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NEVES, Gilberto. **Educar para a Igualdade: combatendo o racismo na educação**. Projeto Difusão Afro-cultural na educação. Centro Nacional de Estudos e de Políticas de Igualdade na Educação – CENAFRO. Uberlândia: Sincopel Gráfica, 2008.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e Universo Cultural na Colônia**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006.

PAIVA, Eduardo F. **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos**. São Paulo: Annablume. 1996.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2 ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

PEREIRA, Olga Arantes. **Pedagogia de Projetos**. Janus, Lorena, ano 1, n. 1, 2º semestre de 2004. Disponível em:  
<<http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/4/3>>  
>Acesso em: 28 de set. 2015.

PORTINARI, Cândido. **Lavrador de Café**, 1934. Óleo sobre tela, 110.00 X 81.00 cm. Disponível em <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2744>> Acesso em 05 de out. 2015.

REIS, José João; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Capoeira**, 1835. Litografia. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Moritz\\_Rugendas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas)> Acesso em 22 de maio de 2015.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Congado**. 1835. Litografia. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Moritz\\_Rugendas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas)> Acesso em 22 de maio de 2015.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Escravos provenientes de Benguela, Angola, Congo e Monjolo**. 1835. Litografia. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/rugendas>> Acesso em 22 maio 2015.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Escravos provenientes de Cabinda, Quiloa, Robolla e Mina**. 1835. Litografia. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Moritz\\_Rugendas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas)> Acesso em 22 maio 2015.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Festa de Nossa Senhora do Rosário**, 1835. Litografia. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/rugendas>>. Acesso em 22 maio 2015.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Lavagem de ouro em Itacolomi**. 1827. Litografia. Disponível em < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/o-preco-do-risco> >. Acesso em 22 de maio de 2015

RUGENDAS, Johann Moritz. **Navio negreiro**. 1835. Litografia colorida a mão. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/ru>>. Acesso em 22 maio 2015.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

SOUSA JÚNIOR, J. P. **Tradição, devoção e fé: Os rituais festivos nas irmandades religiosas na Parahyba do Norte - sec-XIX..** In: XIII Encontro Estadual da ANPUH- História e Historiografia, 2008, Guarabira-PB. Entre o Nacional e o Regional. Campina Grande: eduepb, 2008. v. 13. p. 74-85.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.